

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

**Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico
no 1º, 2º e 3º ciclo**

Uma Experiência de Expressão e Educação Musical no Ensino Básico.

Carla Susana Ferreira Bernal

Coimbra, 2014

**Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico
no 1º, 2º e 3º ciclo**

Uma Experiência de Expressão e Educação Musical no Ensino Básico.

Carla Susana Ferreira Bernal (nº aluno: 2010669)

Relatório de estágio supervisionado para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino básico

Presidente: Doutora Fátima Neves

Orientador: Mestre César Nogueira

Arguente: Doutora Amparo Carvas

Data da realização da prova pública 19-06-2014

Classificação: 12 valores

Trabalho realizado sob a orientação do Professor: Mestre César Nogueira

Junho, 2014

AGRADECIMENTOS

Ao professor César Nogueira pretendo demonstrar o meu sincero reconhecimento por ter colaborado, por orientar este trabalho, e pelo conjunto de instrução que me foi transmitindo ao longo da minha época de estágio. É de realçar, a colaboração da professora Clotilde Sá e professor Renato Gonçalves pela dedicação, disponibilidade demonstrada e cedência de material para trabalhar durante e pós estágio.

Um obrigado especial dirigido à Direção do Agrupamento Florbela Espanca, e E.B 1 da Torre, pela forma como me recebeu, e também um reconhecimento aos meus alunos que participaram em todo este trabalho.

Agradeço ao meu marido, pais, irmão, pela compreensão, motivação, pela forma com que sempre me apoiaram em todo este percurso.

A todos os que de alguma forma contribuíram com o seu apoio, de maneira a que este trabalho fosse realizado.

Resumo

O presente relatório insere-se no âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica do Mestrado em Ensino da Educação Musical do Ensino Básico, no 1º, 2º e 3º ciclo do ensino Básico, resultante do estágio efetuado na Escola Florbela Espanca, e E.B, 1 da Torre em Esmoriz, durante o ano letivo 2011/2012.

Na primeira parte faz-se um conjunto de reflexões sobre os alguns dos contornos do significado de ensinar e de aprender, em especial, no que respeita à Educação Vocal na infância.

A segunda parte, dá-se nota do conjunto de experiências pedagógicas que decorreram do estágio realizado no 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico, a contextualização da ação educativa no agrupamento, e uma análise das turmas observadas bem como das aulas lecionadas durante o estágio.

Palavras – chave: educação, educação musical, ensino super visionado, música.

Abstract

This report is a extent part within the Master degree of Teaching Music Education on Basic Education in the 1st, 2nd and 3rd cycle, resulted from a practiced stage on Florbela Espanca school, and EB. 1 da Torre, located in Esmoriz, Portugal, during the year 2012/2013.

The first part contains a set of reflections on some of the contours about the meaning of teaching and learning, in particular with regard to Education Vocal childhood.

On the second part is given to knowledge a set of teaching experiences which took place on the stage held on the 1st, 2nd and 3rd cycles of basic education, contextualization of educational action in the field, analysis of the observed and lessons taught during the training classes.

Keywords: education, musical education, Super teaching envisioned, music

Sumário

INTRODUÇÃO	1
<u>Parte 1</u>	
1- A educação, o ensino e a escola de ontem e de hoje	4
1.1- O sistema educativo Português	6
1.2- Organização do sistema educativo Português	10
2- O ensino da música em Portugal	17
3) A educação Vocal desde a Infância	21
3.1- O ensino vocal nas crianças:	29
3.2--Grandes objetivos do Currículo	29
3.3--Objetivos de currículo	30
<u>Parte 2</u>	
4- Notas iniciais sobre uma experiência pedagógica no 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico.	33
4.1- Ação educativa no agrupamento	41
5- Turmas observadas e aulas lecionadas durante o estágio.	44
1ºciclo	44
2ºciclo	46
3ºciclo	50
6- Conclusão	54
7- Bibliografia	56
8- Citografia	59
9- Anexos	60

Abreviaturas

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

AEC´S – Atividades extra-curriculares

E.B. – Escola Básica

J.I. – Jardim de Infância

INTRODUÇÃO

Realizar este trabalho em simultaneidade com a presença direta no terreno, demarcou reminiscências dos caminhos construídos, os quais lembram o quão desafiante e estimulante é o percurso de um professor por uma profissão de arte em constante modificação. Assim sendo, aponta-se um objetivo em elaborar um relatório de estágio abraçando uma parte da “conceção” de um professor e a experiência vivida por este ao lecionar em três diferentes ciclos (1º, 2º e 3º).

Deste modo, a realização do trabalho centra-se, fundamentalmente, em evidenciar a importância e funcionamento do ensino no geral e mais especificamente inclinando para a educação musical, para a educação vocal desde a infância, detetando barreiras de aprendizagem, lacunas e outros. Já a segunda parte do presente relatório, fala da experiência vivenciada nos três ciclos, suas abordagens e conteúdos preparados pelo professor de forma a serem adaptados a cada turma específica e vicariamente recebendo experiência e conhecimento na área da educação e da música.

O imensurável valor desta experiência reflete-se na forma como esta é inserida ao nível individual e demonstra não só o nosso trabalho bem como a forma de como encarar e contornar determinados enigmas para conseguir alcançar o pretendido.

Todo o trajeto que permitiu a realização deste relatório, desde as instituições, as crianças, os professores, orientadores e técnicos auxiliares, representaram uma enorme importância ao permitir uma formação mais humana e profissional.

PARTE 1

A educação, o ensino e a escola de ontem e de hoje

Não existe uma definição única e universal para qualquer dos conceitos que aqui se colocam neste primeiro título. Talvez cada tempo histórico, cada realidade política e cada contexto individual ou coletivo tenham as suas próprias aceções para estas realidades. Haverá, contudo, uma certeza: a de que, muito cedo, na história das civilizações humanas, de feição mais ou menos institucionalizada por regras ou princípios escritos ou orais, a *educação*, o *ensino* e a *escola* foram realidades que se materializaram no seio da vida das comunidades – primitivas ou não, informadas ou não, organizadas ou não. Nas tribos, nos lares, nos exércitos ou nos templos terá existido, sempre, quem pensava nos processos de melhor transmitir os valores e os conhecimentos fundamentais das respetivas culturas e que se ocupava de iniciar os mais novos em práticas e destrezas consideradas fundamentais para a própria sobrevivência – no sentido individual e coletivo. Com que critérios concretos e com que práticas determinadas não se saberá ao certo, embora os princípios gerais que presidiam aos desejos da escola primitiva sejam facilmente formuláveis como se poderá ver no seguinte texto de Rómulo de Carvalho:

“Toda a organização do ensino se fundamenta numa conceção filosófica do destino do Homem. Assim foi sempre, e continuará a ser, em todo o tempo e em todo o lugar. A escolha das disciplinas que deverão ser ensinadas, os assuntos que nelas serão tratados, a orientação que deverá ser dada na respetiva comunidade escolar, tudo assenta numa determinada conceção de vida, tanto individual como social.

Na Escola, toda a informação transmitida ao aluno durante o ato de ensinar, visa uma formação, mental que pretende modelar o indivíduo para a sociedade que se deseja conservar ou instaurar. A diferença de fundo que distingue entre si as diversas épocas da História da Pedagogia reside no tipo de Homem que a Escola pretende criar.” (Carvalho¹, 2001:64).

¹ Rómulo de Carvalho- foi professor, pedagogo e autor de manuais escolares, historiador da ciência e da educação, divulgador científico e poeta.

Trata-se, pois, de olhar a escola como fator de valorização e preservação de códigos e valores, de técnicas e saberes que possam dar continuidade ao que de mais significativo possa concretizar a própria concepção do papel do sujeito no seio de grupos, de comunidades ou de culturas. As nações, os exércitos e as religiões são algumas das organizações que sempre usaram a escola como instrumento da sua auto-conservação. Há, assim, tradicionalmente, uma relação natural entre a escola e este tipo de instituições. E, muitas vezes, por isso mesmo, podem confundir-se os objetivos da escola com os objetivos de uma e de outra.

Em Portugal, em particular e a título de exemplo, Até meados do século XIV, “A preocupação religiosa era (...) dominante, e até se poderia dizer exclusiva, em toda a atividade pedagógica.” (Carvalho, 2001:70). Se numas épocas todo o ensino era orientado no sentido de glorificar Deus, o Criador, e difundir o Cristianismo, noutras alturas a ênfase esteve mais na Ciência. Se nuns séculos era urgente difundir o ensino e tornar Portugal um país mais culto e letrado para competir com os restantes países vizinhos, houve outros em que o ensino foi encarado como uma ameaça ao poder político e trava-lo era uma prioridade nacional.

Atualmente, fruto de múltiplos fatores – incluindo o da generalização do ensino ao universo da população portuguesa -, facilmente, comentários mais apressados e desinformados tendem a descredibilizar o ensino com o argumento de que a escola é pouco rigorosa, pouco produtiva e displicente. Contudo, sempre que se recorre a dados estatísticos, as ideias fundadas em preconceitos ideológicos e geracionais perdem terreno relativamente aos factos. E os factos são indesmentíveis: há percentualmente muito mais alunos na escola e há, hoje, um leque muito mais diversificado de competências dominadas pelos alunos. Provavelmente, porque a escola quer, agora, fazer, também, mais educação e não só ensino, e porque a educação trata de valores, e porque é difícil avaliar e classificar esses valores, pode ficar a ideia de que se “aprende” menos do que se aprendia no passado. A verdade é que se “aprende” de maneira diferente.

Vejamos alguns aspetos do Sistema Ensino em Portugal para nos inteirarmos dessas diferenças e das realidades que se podem encontrar nas escolas de hoje.

O Sistema Educativo Português

“Quando Afonso Henriques se apoderou do território que veio a constituir o núcleo da Nação Portuguesa, já aí se exercia certa atividade pedagógica, que se manteve e continuou, indiferente à nova situação política.” (Carvalho, 2001:11). Deparamo-nos portanto com séculos de ensino em Portugal.

Muito antes da constituição da Nação, e indiferente a esta, já a Igreja se ocupava pela prática da instrução, assumindo esta atividade como meio de difusão das suas ideologias e do conhecimento das Sagradas Escrituras e Santos. Nesta época os registos apontam para o importante papel que as ordens religiosas desempenhavam no ensino, sendo que em Portugal as ordens de maior importância nesta fase de impulsão do ensino são a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, pertencente ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e a Ordem de Cister, de S. Bernardo, pertencente ao mosteiro de Alcobaça. “...todos os homens letrados (...) receberam a sua ilustração, grande ou pequena, da Igreja. De princípio, os indivíduos que nela se instruíam destinavam-se apenas à vida eclesiástica, mas já no decurso do século XII as escolas episcopais ministravam o ensino a estudantes que não pretendiam seguir a vida sacerdotal.” (Carvalho, 2001:39). A estes indivíduos que se ocupavam do estudo atribuía-se o nome de “clérigos”, isto é, “letrado” ou “culto”, independentemente do grau da sua instrução ou das funções que desempenhavam na Igreja. (Carvalho, 2001:39) Porém, entre o século XII e XIII, nem todos tinham oportunidade de ser “clérigos” e o ensino enfrentava inúmeras dificuldades no seu progresso e expansão, “Uma das maiores dificuldades que se opunham à expansão do ensino, era a falta de livros.” (Carvalho, 2001:40). O que deixava os estudantes portugueses numa situação de elevado atraso relativamente aos restantes da Europa.

Num nível mais avançado do ensino, “Os estudantes portugueses, sabedores das possibilidades que lá fora teriam de alargar os seus conhecimentos, principalmente em Salamanca, Paris, Montpellier, Pádua e Bolonha, saíam do país para se matricularem nessas famosas escolas universitárias (...)” (Carvalho, 2001:41). Alguns autores atribuem o baixo nível de cultura, durante o primeiro século da história portuguesa, ao fato de se chamarem sacerdotes estrangeiros para ocuparem as Sés em Portugal (ex. da Sé do Porto, Braga e Lisboa). Portugal estava assim por

esta altura muito aquém do que se fazia lá fora, ainda em processo de conquista e estabilização de fronteiras, este país de dimensões pequenas começava a dar os primeiros passos para orientar a sua organização escolar e colocar a educação portuguesa em patamares idênticos aos do estrangeiro. O século XIII é, na Europa Ocidental, o século da fundação das Universidades, sendo que a primeira Universidade europeia foi a de Bolonha, em Itália, no fim de XII. Posterior a Paris, Roma ou Sevilha, em Portugal, no reinado de D. Dinis, e com a aprovação do papa Nicolau IV, começou a funcionar, por volta de 1290, o Estudo Geral de Lisboa e a Universidade Portuguesa. Assim, na Idade Média, os estudos dividiam-se em quatro faculdades: Artes, Direito, Medicina e Teologia.

Nas Artes estudavam-se as “artes liberais”, matérias como gramática, retórica, geometria astronomia e música; em Direito tinha lugar o direito civil e o direito eclesiástico. O Estudo Geral de Lisboa “não fora criado para substituir as escolas então existentes nem para proporcionar novas profissões, mas para elevar o nível dos conhecimentos a adquirir de modo a evitar que os estudantes interessados na aquisição de uma cultura mais completa tivessem necessidade de ir ao estrangeiro adquiri-la” (Carvalho, 2001:61), ou seja, o ensino continuava, de certa forma, elitista, sendo a maioria dos homens que se dedicava ao estudo da classe eclesiástica. Desde então o ensino português, nomeadamente o universitário, atravessou um sem fim de alterações, desde a reforma pedagógica de D. João III, com a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1537, à presença da Companhia de Jesus, principalmente em todo o século XVII ou, à reforma pombalina.

Durante a governação do marquês de Pombal, o ensino no país assistiu a anos de quase estagnação, em parte devido ao terramoto de Lisboa e, por outra, porque todo o ensino estava nas mãos dos jesuítas que, tendo sido expulsos em 1759, obrigaram o ministro de D. José a debruçar-se de forma pertinente sobre o assunto, até então por si descorado.

Assim, Pombal, mandando publicar um alvará datado de 28 de junho de 1759, estabeleceu um “termo a duzentos anos de atividade pedagógica ininterrupta da Companhia de Jesus” (Carvalho, 2001:429) cujo demandou a substituição do método de ensino. “Pombal gizou um plano de estudos elitista e autoritário, acessível a raros pelas condições sociais em que se vivia e sujeito a limitações doutrinárias ingénuas e revoltantes” (Carvalho, 2001:506).

No pós-Pombal, o governo de D. Maria I criou a Academia Real da Marinha (em 1779, em Lisboa), a Real Casa Pia de Lisboa (1780), a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho (1790) e a Escola de Engenheiros Construtores Navais (1796). Anos mais tarde, com o liberalismo e as influências napoleónicas, foi criado o Real Colégio Militar (atual Colégio Militar) em 1803.

Entre uma série de medidas e reformas, o ensino em Portugal foi progredindo desde o ensino primário ao ensino superior, passando pela criação dos liceus no ensino secundário, na qual Passos Manuel teve um papel de destaque nos meados de 1830.

Já no século XX, com António de Oliveira Salazar no poder, tentava-se impor na Escola Portuguesa “as regras de pensamento e de comportamento da sua doutrina social” (Carvalho, 2001:725), para tal era necessário que a pasta da Instrução fosse gerida por uma personalidade que se regesse pela mesma doutrina e fosse detentora de um rigor minucioso, assim se destacou Gustavo Cordeiro Ramos.

Durante o regime salazarista defendeu-se um Estado autoritário e elitista, onde o analfabetismo estava na ordem do dia e o qual não interessava extinguir “ou se não seria preferível manter o povo na ignorância pois dela decorrem a sua docilidade, a sua modéstia, a sua paciência, a sua resignação.” (Carvalho, 2001:726). Muitas foram as personalidades da época que referiram e defenderam as desvantagens (para o regime, geralmente metaforizado de “povo”) de uma banalização da escola e do ensino, dos quais João Ameal, o conde de Aurora ou Alfredo Pimenta. O próprio Salazar, segundo Carvalho (2001) afirmou, em 1933, considerar mais urgente a constituição de vastas elites do que ensinar o povo a ler.

A nova política do ensino tornava ainda mais evidentes as discrepâncias sociais, fazendo a triagem dos que apenas frequentavam o ensino primário obrigatório, designado “elementar”, e os que prosseguiam para o ensino primário “complementar”, este destinado às elites privilegiadas da sociedade.

Considerava-se então prejudicial para a Nação o ingresso liberal no ensino complementar, considerado nefasto a fuga das profissões mecânicas em prol das ditas “liberais” que, segundo o preâmbulo do decreto de 16 de janeiro de 1928 citado por Carvalho (2001), “ficarão reservados aos superiormente inteligentes”.

As disciplinas lecionadas na época pretendiam incutir a Igreja, a Nação, o Estado e a Família como os pilares base na formação cívica e profissional dos

indivíduos. Princípios como o “educação familiar” ou “prestígio do lar” estavam presentes e deram origem à sobrevalorização de disciplinas como a culinária, a costura, a jardinagem ou o canto coral nas classes femininas e à desvalorização de disciplinas de cariz mais científico. Admitia-se assim que “a maioria das raparigas que frequentavam os Liceus se contentará com a aprovação no exame do 2º ciclo” (Carvalho, 2001, p.775).

É por demais evidente que as modificações constatadas aquando do regime salazarista representaram um retrocesso no sistema educativo português, tornando-o uma máquina estratégica ao serviço da vontade política, censurando a opinião pública e limitando-a na sua raiz. Porém, ao longo desses anos, algumas medidas inovadoras foram sendo implantadas, tais como a Telescola.

O fim do regime ditatorial, com o golpe militar de 25 de Abril de 1974 trouxe a esperança de um futuro promissor para o ensino em Portugal.

“A educação formal, provida e controlada pelo Estado em larga escala, foi possível através da criação e recriação de modalidades de organização formal da escolarização, recorrendo a processos de taylorização² da instrução pública típicos das ideologias organizacionais, da modernidade e do capitalismo. A escola moderna constitui-se através de processos de racionalização, de divisão do trabalho, de controlo, de fragmentação e especialização, em parte comuns à generalidade das organizações complexas modernas.” (Lima³, 2006:17)

Como é possível comprovar através da supracitada síntese de séculos de história do ensino em Portugal, este é um fenómeno complexo e polifacetado sendo que “a organização escolar só recentemente vem despertando a nossa atenção em termos de uma investigação referenciada a perspetiva sociológicas de análise organizacional.” (Lima, 2006:7)

² Taylorização- é o modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro norte-americano Frederick Taylor (1856-1915), considerado o “pai da administração científica” e um dos primeiros sistematizadores da disciplina científica da Administração de empresas. O taylorismo caracteriza-se pela ênfase nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência ao nível operacional.

³ Lima- É Professor Catedrático na Universidade do Minho. Publicou 86 artigos em revistas especializadas e 32 trabalhos em atas de eventos, possui 45 capítulos de livros e 41 livros publicados. Nas suas atividades profissionais interagiu com 98 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.

Segundo Lima (2006), o carácter complexo da escola como organização educativa formal e aparelho administrativo indispensável à realização de uma política educativa escolar contrasta, assim, com as focalizações de tipo predominantemente normativo e prescritivo que, ao longo de muitas décadas, vêm contribuindo para a naturalização e reprodução de um dado modelo de escola.

É de salientar, que o nosso país deve evoluir na área da educação, mostrando que todos passam pelo percurso escolar sabendo que ao mesmo tempo essa atitude dá no futuro um bom reconhecimento, coesão social e evolução. Podemos, organizar e dividir a educação em várias partes, que em concordância com o gabinete de estatística e planeamento da educação (GEPE) será da seguinte forma:

Organização do Sistema Educativo Português.

Educação Pré-escolar:

A educação pré-escolar destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória; é de frequência facultativa e é ministrada em jardim-de-infância público ou privado. O jardim-de-infância é público e gratuito.

Escolaridade Obrigatória - Ensino Básico:

Níveis	Anos de Escolaridade	Idade
1º Ciclo	1.º - 4.º	6-10 anos
2º Ciclo	5.º - 6.º	10-12 anos
3º Ciclo	7.º - 9.º	12-15 anos

O ensino básico corresponde à escolaridade obrigatória; tem a duração de nove anos, dos 6 aos 15 anos de idade, e organiza-se em três ciclos sequenciais.

No 1.º ciclo, o ensino é global e visa o desenvolvimento de competências básicas em Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões. Com a implementação da escola a tempo inteiro, através do alargamento do horário de

funcionamento para um mínimo de oito horas diárias, as escolas promovem atividades de enriquecimento curricular, nomeadamente o ensino obrigatório do Inglês, o apoio ao estudo para todos os alunos, a atividade física e desportiva, o ensino da Música e de outras expressões artísticas e de outras línguas estrangeiras. O 1.º ciclo funciona em regime de monodocência, com recurso a professores especializados em determinadas áreas.

No 2.º ciclo, o ensino está organizado por disciplinas e áreas de estudo pluridisciplinares. No 3.º ciclo, o ensino está organizado por disciplinas. Os principais objetivos deste ciclo são o desenvolvimento de saberes e competências necessários à entrada na vida ativa ou ao prosseguimento de estudos. O 2.º e 3.º ciclo funciona em regime de pluridocência, com professores especializados nas diferentes áreas disciplinares ou disciplinas.

O ensino das TIC é introduzido no 8.º ano nas áreas curriculares não disciplinares, de preferência na área de projeto, e como disciplina obrigatória no 9.º ano de escolaridade.

No ensino básico é obrigatória a aprendizagem de duas línguas estrangeiras, entre Inglês, Francês, Alemão e Espanhol. Ao longo do ensino básico os alunos são sujeitos à avaliação sumativa interna; para além disso, no final do 3.º ciclo, os alunos são submetidos à avaliação sumativa externa, através da realização de exames nacionais nas disciplinas de Português e Matemática.

Aos alunos que completam com sucesso o 3.º ciclo é atribuído o diploma do ensino básico. O ensino público é gratuito.

Ensino Secundário:

Tipo de Curso	Ano de Escolaridade	Idade
Científico-humanísticos Tecnológicos Artísticos especializados Profissionais	10.º, 11.º, 12.º	15-18 anos

Para acederem a qualquer curso do ensino secundário os alunos devem ter concluído a escolaridade obrigatória ou possuir habilitação equivalente.

O ensino secundário está organizado segundo formas diferenciadas, orientadas quer para o prosseguimento de estudos quer para o mundo do trabalho. O currículo dos cursos de nível secundário tem um referencial de três anos letivos e compreende quatro tipos de cursos:

- Cursos científico-humanísticos, vocacionados essencialmente para o prosseguimento de estudos de nível superior;
- Cursos tecnológicos, dirigidos a alunos que desejam entrar no mercado de trabalho, permitindo, igualmente, o prosseguimento de estudos em cursos tecnológicos especializados ou no ensino superior;
- Cursos artísticos especializados, visando assegurar formação artística especializada nas áreas de artes visuais, audiovisuais, dança e música, permitindo a entrada no mundo do trabalho ou o prosseguimento de estudos em cursos pós - secundários não superiores ou, ainda, no ensino superior;
- Cursos profissionais, destinados a proporcionar a entrada no mundo do trabalho, facultando também o prosseguimento de estudos em cursos pós - secundários não superiores ou no ensino superior. São organizados por módulos em diferentes áreas de formação.

Para conclusão de qualquer curso de nível secundário os alunos estão sujeitos a uma avaliação sumativa interna. Para além dessa avaliação, os alunos dos cursos científico-humanísticos são também submetidos a uma avaliação sumativa externa, através da realização de exames nacionais, em determinadas disciplinas previstas na lei. Aos alunos que tenham completado este nível de ensino é atribuído um diploma de estudos secundários. Os cursos tecnológicos, artísticos especializados e profissionais conferem ainda um diploma de qualificação profissional de nível 3.

No ensino público, os alunos têm que pagar uma pequena propina anual.

Ensino Pós-secundário não superior:

Os cursos de especialização tecnológica (CET) possibilitam percursos de formação especializada em diferentes áreas tecnológicas, permitindo a inserção no mundo do trabalho ou o prosseguimento de estudos de nível superior. A formação

realizada nos CET é creditada no âmbito do curso superior em que o aluno seja admitido.

A conclusão com aproveitamento de um curso de especialização tecnológica confere um diploma de especialização tecnológica (DET) e qualificação profissional de nível 4, podendo ainda dar acesso a um certificado de aptidão profissional (CAP).

Educação e Formação de Jovens e Adultos:

A educação e formação de jovens e adultos oferece uma segunda oportunidade a indivíduos que abandonaram a escola precocemente ou que estão em risco de a abandonar, bem como àqueles que não tiveram oportunidade de a frequentar quando jovens e, ainda, aos que procuram a escola por questões de natureza profissional ou valorização pessoal, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida.

No sentido de proporcionar novas vias para aprender e progredir surgiu a Iniciativa "Novas Oportunidades" que define como um dos objetivos principais alargar o referencial mínimo de formação ao 12.º ano de escolaridade e cuja estratégia assenta em dois pilares fundamentais:

- Elevar a formação de base da população ativa;
- Tornar o ensino profissionalizante uma opção efetiva para os jovens.

As diferentes modalidades de educação e formação de jovens e adultos permitem adquirir uma certificação escolar e/ou uma qualificação profissional, bem como o prosseguimento de estudos de nível pós-secundário não superior ou o ensino superior.

A educação e formação de jovens e adultos compreendem as seguintes modalidades:

- Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) adquiridas ao longo da vida, por via formal, informal e não-formal, permitindo aos alunos obter uma dupla certificação académica e profissional. A formação adquirida permite o acesso a empregos mais qualificados e melhor perspetiva de formação ao longo da vida. Este Sistema tem lugar nos Centros Novas Oportunidades, disseminados por todo o país;
- Cursos de Educação e Formação (CEF) para alunos a partir dos 15 anos;

- Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) e Formações Modulares, para alunos maiores de 18 anos;
- "Ações de curta duração S@bER +", para alunos maiores de 18 anos;
- Ensino recorrente do ensino básico e ensino secundário, para alunos maiores de 15 ou maiores de 18 anos para o ensino básico e secundário, respetivamente;
- Sistema Nacional de Aprendizagem, da responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional, para jovens a partir dos 15 anos

Ensino Superior:

O ensino superior está estruturado de acordo com os princípios de Bolonha e visa assegurar uma sólida preparação científica, cultural, artística e tecnológica que habilite para o exercício de atividades profissionais e culturais e para o desenvolvimento das capacidades de conceção, de inovação e de análise crítica. Em Portugal organiza-se num sistema binário: o ensino universitário e o ensino politécnico, administrados por instituições do ensino superior públicas, privadas ou cooperativas. Para se candidatarem ao acesso ao ensino superior, os alunos têm que satisfazer os seguintes requisitos: ter concluído com êxito um curso de ensino secundário superior ou uma qualificação legalmente equivalente; ter realizado os necessários exames de admissão para o curso que desejam frequentar com uma classificação mínima de 95 pontos; satisfazer os pré-requisitos exigidos (se aplicável) para o curso a que se candidatam.

O ingresso em cada instituição de ensino superior está sujeita a *numerus clausus*. Alunos maiores de 23 que não possuem habilitações para o ensino superior podem aceder através de exames específicos que provem a sua capacidade para frequentar o curso a que se candidatam. Estes exames são organizados pelos respetivos estabelecimentos de ensino superior.

No ensino superior são conferidas as seguintes qualificações académicas: Primeiro grau (*licenciado*), grau de Mestrado (*mestre*) e Doutoramento (*doutor*). As instituições universitárias e politécnicas conferem graus de licenciado e graus de mestre. O grau de doutor é conferido apenas pelas universidades. Nos Institutos politécnicos, os estudos que conduzem ao grau de licenciado envolvem 6 semestres que correspondem a 180 créditos.

Nas Universidades, o ciclo de estudos conducente ao grau de *licenciado* tem, normalmente, a duração de 6 a 8 semestres, o que corresponde a 180 ou 240 créditos. O ciclo de estudos que conduz ao grau de Mestre dura entre 3 a 4 semestres, o que corresponde a 90 ou 120 créditos. Grau de doutor, é atribuído a quem tenha obtido aprovação nas unidades curriculares do curso de doutoramento, quando exista, e no ato público de defesa da tese.

As instituições de ensino superior podem também ministrar o ensino pós-secundário não superior, para fins de formação profissional especializada. As propinas são fixadas pelas instituições do ensino superior, entre um valor mínimo e máximo, de acordo com o tipo de cursos. O sistema educativo português resulta num contributo para o aluno, pois os objetivos de desenvolvimento da personalidade, de formação de carácter, aquisição de valores morais, cívicos, servem para cada aluno se sentir realizado a nível pessoal. A organização deste sistema é bem aceite pela forma como é constituída, é importante na formação pessoal e social de um jovem, que tem durante o percurso dos 3º ciclos objetivos a atingir. Resta aos alunos enfrentar tudo sendo capazes de concluir o que está estipulado no sistema educativo português.

Todo o percurso escolar resulta de diversos fatores entre os quais os fatores pessoais e sociais, que podem responder aos princípios representados no sistema educativo.

Segundo Brandão⁴, (*síntese das principais ideias contidas no livro – o que é a educação*) “não existe uma forma única de educação e a escola não é o único lugar onde ela acontece. As pessoas convivem juntas e transmitem saberes umas as outras. Portanto, a educação está presente em todos os níveis sociais e é resultado da ação do meio sociocultural sobre as pessoas. Isso os gregos nos ensinaram, mas parece que já esquecemos”.

⁴ Carlos Brandão- Nascido em 1940, viveu em Goiás entre 1967 e 1975 como professor universitário. Mestre em Antropologia Social, doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e Livre-Docente pela Unicamp, trabalha atualmente no Doutorado em Ambiente e Sociedade na Unicamp e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. É autor de vários livros nas áreas de Antropologia Social, Educação e Literatura.

Acredita-se que a educação é algo que abrange todo o ser humano, ela está em toda a parte, ninguém escapa a ela, pois em qualquer situação do nosso quotidiano a educação está envolvida, aprendemos todos uns com os outros em ações que fazemos no dia-a-dia, na rua, numa fábrica, num exército, numa igreja, fazemos uma ligação da educação com a nossa vida.

O sujeito passa por experiências de aprendizagem nos diversos setores: em casa, na rua, igreja e na escola. Vivemos estas experiências do nosso dia-a-dia ao mesmo tempo adquire-se instrução passando por elas. É sabido que os bebés, por exemplo, sentem necessidade de aprender e esta aprendizagem iniciada desde a mais tenra idade, é objetiva e faz com que o indivíduo socialize pelo ensino de hábitos, costumes e valores convencionados de forma consensual pela coletividade. A educação é praticada também de várias formas, tudo depende das culturas e de como cada um quer executar esse significado.

O ensino da música em Portugal

Apesar do ensino da Música em Portugal estar presente desde, pelo menos, a Idade Média, sendo uma das disciplinas de uma das quatro primeiras faculdades da Universidade Portuguesa, a Faculdade de Artes, notou-se especialmente presente, aquando do regime salazarista, sob a forma de Canto Coral, como forma de enaltecer o sentimento de patriotismo e de veneração ao Estado e à história de Portugal. Segundo a alínea a), do Artigo 13º do Cap. II do Decreto-Lei nº 27/084, de 14 de outubro de 1936, “Durante o 1º ciclo o canto coral visará especialmente a impregnação dos preceitos morais e cívicos de um bom português.”

A importância da música na sociedade e cultura portuguesa dá abertura do país ao exterior, ou seja, quanto maior é o contacto com outras sociedades, culturalmente mais evoluídas, maior é o interesse pela Música e pelo ensino da mesma. “Com a circulação de pessoas e ideias, aumenta a consciência do “atraso” português em relação ao mundo “civilizado” (...) e, mais do que nunca, Paris, Londres e Berlim tornam-se as referências essenciais de uma certa ânsia de refinamento cosmopolita de maneiras e de cultura” (Nery⁵, & Castro, 1991:148).

Porto e Lisboa são palco de uma evolução musical flagrante, o “Orpheon Portuense”, o Conservatório Municipal de Música do Porto ou a Real Academia de Amadores de Música foram elementos de elevado poder dinamizador da Música, assim como nomes como Bernardo Valentim Moreira de Sá, no Porto, ou Rey Colaço e Vítor Hussla, em Lisboa.

Com a instauração do regime ditatorial, a partir de 1926, a música, assim como outra qualquer atividade artística, assistiu a uma estagnação provocada pela censura aliada à austeridade económica, tendo-se extinguido “rapidamente o surto de criatividade literária, plástica e musical verificado nas primeiras décadas do século” (Nery, & Castro, 1991:166).

⁵ Rui Vieira Nery- nasceu em Lisboa em 1957. Licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa (1980), doutorou-se em Musicologia pela Universidade do Texas. é autor de diversos estudos sobre História da Música Portuguesa, é académico Correspondente da Academia Portuguesa da História.

Paulo Ferreira de Castro- formando-se em Musicologia na Universidade de Estrasburgo. Autor de numerosos estudos para publicações especializadas sobre música e ópera, e co-autor de uma *História da Música Portuguesa* distinguida com o Prémio de Investigação e Ensaísmo Musical do Conselho Português da Música.

Na era salazarista foram dois os momentos que marcaram especialmente a história da música em Portugal, o estabelecimento da estação oficial de radiodifusão (1933) e o conjunto de atividades e realizações comemorativas do 8º centenário da Nacionalidade e o 3º da Restauração (1940), através da Exposição do Mundo Português e da fundação do grupo de bailado Verde Gaio. Apesar da criação da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional (1934), os empreendimentos privados quanto à organização de concertos decaem neste período.

Neste período ditatorial, os compositores portugueses tinham poucas opções de escolha: “colaborar, com convicção, oportunismo ou resignação, nas realizações mais ou menos propagandísticas do Estado Novo; ousar de algum modo na obra e na atitude artística um gesto de contestação aberta ao regime e à sua orientação estética (positiva ou defetiva); ou, simplesmente, ‘compor para a gaveta’.” (Nery, & Castro, 1991:171). Sobressai, neste período, o nome de Lopes-Graça, cuja obra “pode considerar-se, historicamente, como a última tentativa (...) de conceção de um estilo musical ‘nacional’” (Nery, & Castro, 1991:172), ao contrário dos compositores seus contemporâneos que enveredaram por um estilo mais “neoclássico” ou de folclore. (Nery, & Castro, 1991:173). Para além de Lopes-Graça, outros nomes se elevaram no panorama musical português, aquando das épocas salazarista e marcelista, tais como Joly Braga Santos, Francine Benoit, Jaime Silva, Venceslau Pinto ou Mário de Sampaio Ribeiro. Todavia, um conjunto de fatores como a relativa liberalização do regime político do Governo de Marcelo Caetano, a abertura de Portugal ao estrangeiro ou a generalização dos *media*, permitiram “um considerável alargamento das referências culturais do público, e a difusão em larga escala das obras, intérpretes e correntes estéticas.” (Nery, & Castro, 1991:176), tendo a Fundação Calouste

Gulbenkian, a Divisão de Música da Secretaria de Estado da Cultura e o Departamento de Musicologia do Instituto Português do Património Cultural desempenhado um importante papel no levantamento e valorização do património musical.

Em 1980 assistiu-se à entrada da Música em contexto universitário com a fundação do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa e, atualmente em Portugal a Música está presente em toda a escolaridade obrigatória como disciplina, permitindo assim a todos os alunos o contacto com a mesma, independentemente do seu estrato socioeconómico. A disciplina de educação e

expressão musical encontra-se inserida no 1º, 2º e 3º ciclo, o que permite aos alunos o acesso a disciplina apesar de só ser obrigatória no 2º ciclo e 1º ciclo. A verdade é que a música existe no currículo, há conteúdos que têm de ser mencionados e deveria ser obrigatória assim como outras disciplinas. Todos os alunos merecem em todos os ciclos abordar a música e acima de tudo, no caso do 1º ciclo, ter um docente qualificado para exercer a área porque a música acaba por ser um contributo para a estimulação de pensamentos que vão contribuir para a evolução musical de cada sujeito.

Segundo a Assessora de Comunicação da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), em Brasília, Florraine Bauer (referenciada no IX Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG - Rumos da Criação, Performance, Pesquisa e Ensino Musical) “a música atrai a criança, serve de motivação, deixa-a mais atenta e é um instrumento de cidadania, contribuindo para a elevação de sua auto-estima.”

A música é necessária na vida de muitas pessoas e é ainda indispensável para quem está no ensino da música, principalmente porque quem estuda música precisa mesmo que ela exista para viver. Esta existência pode e é feita através dos alunos que tem acesso à disciplina durante a frequência na escola, por isso, é uma disciplina que deveria ser obrigatória em todos os ciclos, para que os alunos possam conhecer bem a área e depois possam decidir o curso a seguir. Todos os que têm acesso ao ensino da música, mesmo não fazendo disto uma vida profissional, desenvolvem certos interesses que são importantes para o quotidiano de cada um, isto é, a música trabalha aspetos linguísticos, emocionais, o saber trabalhar individualmente ou em grupo, a criatividade, experiências, entre outros. As pessoas sentem a música de forma diferente, mas mesmo assim, para quem gosta, ela é muito importante e a finalidade do professor que ensina é sempre a de desenvolver a imaginação, pensamento, a prática vocal e instrumental, o saber compor, improvisar, compreender géneros musicais, determinados códigos, e o ficar a conhecer o património artístico-musical nacional e internacional.

Em Portugal, o ensino da música ainda necessita de ser visto como um trabalho bastante sério e pedagógico não é apenas uma forma de passatempo mas uma vantagem na aprendizagem e desenvolvimento dos jovens. Enquanto no percurso escolar estiver inserida a música, só será algo positivo, pois ela irá permitir compressão, auxílio na estimulação da memória e inteligência, está ligada ainda ao

desenvolvimento da linguagem e processo lógico-matemático. A música também dá um bom ambiente no trabalho, é utilizada como relaxamento na terapia, é benéfica para incluir as crianças com necessidades especiais, deixando-as mais a vontade e sem vergonha na participação nas atividades, resultando num bom meio a nível social.

O ensino da música em Portugal faz parte dos três ciclos de ensino, o 1º está relacionado com uma atividade do Currículo oficial, as chamadas aec's, no 2º a disciplina de educação musical é imposta no 5º e 6º ano de escolaridade, já no 3º ciclo, ou seja, no 7º, 8º e 9º ano esta disciplina pode ser uma escolha por parte dos alunos, depois até ao 12º ano não há a disciplina de educação musical. Cada um destes ciclos cumpre os seus programas, atingem as metas e abordam todos os conteúdos.

Para a aprendizagem necessária da vida humana, a arte surge como influência nas diversas formas de comunicar, assimilar, entender. De certa forma, contribui para a criação da identidade pessoal, social, e compreensão de culturas. Portanto, a música é entendida por cada pessoa como uma arte inserida e adaptada ao meio em se vive.

Nos dias de hoje, o ensino da música tem a sua utilidade e importância. Todo o cidadão tem a necessidade de viver com diversas áreas, entre umas das quais a arte, por esta razão é indispensável que exista arte na educação, entre as várias artes encontramos a música, ela faz parte da cultura e gostar dela permite ao mesmo tempo enriquecer em termos culturais. São muitas as razões pela qual devemos persistir com o ensino da música para os jovens.

No percurso escolar a educação artística deve ter seu igual e devido valor ao lado das outras áreas, e pertencer ao currículo de cada estudante. No nosso país, as artes não são bem vistas, existe sempre alguém que diz que com a música ou disciplina de música não se aprende nada, que é só um entretenimento e ter a área da música como profissão ainda é algo mau. É importante, os pais transmitirem aos filhos, que todas as áreas do saber têm seu interesse, seu respeito.

Uma vez que a música existe para a criança desde a gestação do embrião, cabe ao professor, à escola, fazer proveito das capacidades inatas e fundamentá-las, bem como desenvolvê-las e mostrar ser uma disciplina com interesse e utilidade, assim como as outras.

A educação Vocal desde a Infância

Desde a época do estado novo o chamado canto coral foi constituído como componente educativa instrumental sendo direcionada aos políticos daquele período. A formação de docentes da disciplina de canto coral era pobre, os professores tinham dificuldades em realizar e aplicar um currículo já de si desprovido de conteúdos e a sua situação era marcada por manifestas desigualdades em relação aos outros das outras disciplinas. (Barreiros⁶, 1999). Foi desde então, criadas associações de maneira a combater aspetos essenciais relacionados com o ensino da música, com o ensino especializado e genérico.

As crianças e jovens de hoje, cantam cada vez menos, e o resultado do canto nas aulas de 1º, 2º e 3º ciclo é de fraca preparação. O funcionamento do canto merece ser mais trabalhado, pois é notório que os alunos no geral, sentem receio, timidez de cantar perante os outros. Cada vez mais se enfrentam turmas assim, portanto cabe ao professor analisar a situação e decidir o que fazer para melhorar. O canto é largamente considerado muito importante para o percurso escolar de uma criança, desde que esta se insere no meio escolar. É evidente que existe a necessidade de um professor que oriente e motive os alunos para o canto, obtendo motivação e um processo de ensino-aprendizagem considerado útil no futuro.

Com o Decreto-Lei nº 344/90, de 2 de Novembro, designou-se as bases da educação artística em Portugal, no pré-escolar, escolar e extra-escolar, esta educação que admite a “parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa”. De acordo com os artigos 3º e 4º, a educação artística processa-se de acordo com diferentes vias: educação artística genérica, educação artística vocacional, educação artística em modalidades especiais e educação artística extra-escolar.

Segundo o artigo 9, nº 2 no 1º ciclo, a educação artística em Portugal é direcionada a todas as pessoas, mas a parte vocal é apenas para um grupo de indivíduos com especiais aptidões e com professores designados para a área (artigo 14, nº1).

⁶ Maria José Conde Artiaga Barreiros- Doutorada em Musicologia, Royal Holloway, University of London. Mestre em Ciências Musicais, Especialidade de Musicologia Histórica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Licenciatura em Ciências Musicais, Ramo de Musicologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Visando as investigações de Hargreaves⁷, todo o fracasso escolar do aluno derivado da falta de empenho ou interesse pode ser superado com a modificação de estratégias aplicadas em sala de aula, onde “a atitude e até mesmo relacionamento individual com o aluno podem ditar a diferença”. (Hargreaves, 2011: 52) Seguindo este ponto de vista, a parte didática aplicada pelo professor e toda a contribuição que este possa oferecer através da experiência previamente adquirida pedagogicamente, poderão definir uma trajetória de um aluno. Assim sendo, quer do ponto de vista do aluno quer do professor, talvez podemos certificar que o docente pode ter em suas mãos a responsabilidade da orientação para o sucesso escolar. Saber como fomentar a motivação e acima de tudo orientar o aluno no caminho do “conhecimento”, indo ao encontro dos interesses e motivações do aluno, é considerado por Hargreaves e por muitos outros como sendo “a verdadeira Mestria no processo de ensino-aprendizagem”.

Considerando as perspetivas de Sloboda⁸ (1993) e de Gordon (2000), “é da responsabilidade do professor estar atento às lacunas e dificuldades que possam existir por parte dos alunos e tentar resolvê-las, tendo noção que essa atitude permitirá aperfeiçoar os métodos de ensino-aprendizagem para além de evitar que o ensino se torne arcaico, desajustado e estagnado”. Posto isto, infere-se que os professores deverão procurar superar todas as incertezas e estorvos de conhecimento que eventualmente e inevitavelmente vão aparecendo no seu decurso, procurando acompanhar a atualidade de forma a proporcionar mais segurança e confiança no trabalho que vai desenvolver com os alunos. É importante para o professor estar recíproco e atualizar-se através de variadas formas tais como pesquisas, leitura de estudos, congressos, entre outros e também através de métodos já aplicados no âmbito do desenvolvimento e introdução do Canto (coral).

Relativamente ao início do ensino da disciplina de canto, existem algumas divergências. Considerando as mais apropriadas, Williams⁹ (2008) defende que “só

⁷ David Hargreaves (nascido em 1939) [1] é diretor associado de pesquisa e desenvolvimento das escolas especializadas e academias de Confiança. Ele é o autor de vários livros sobre teoria educacional

⁸ John Sloboda foi diretor executivo do grupo Oxford Research Group. Exerceu cargo como professor de psicologia na universidade de Keele, reino unido, e seu trabalho académico foi a área da psicologia musical.

⁹ Jenevora Williams- professora e investigadora na área do ensino do Canto especializada em crianças e adolescentes. Aborda a prática pedagógica aplicada na educação vocal tanto da criança como do adulto.

após os 8 anos de idade é que uma criança deveria começar a cantar. Sendo que cada caso é um caso e cada criança tem o seu próprio ritmo de evolução, seria sustentável de que o início do Canto na infância deva respeitar a maturidade física-intelectual e o interesse em fazê-lo de forma natural”. É ainda acrescentado por Phillips¹⁰ (1999:32-37) que “a aplicabilidade das instruções na coordenação vocal ajuda no desenvolvimento do ato de cantar nas crianças do ensino primário”.

A importância da educação vocal infantil é reforçada por Idalete Giga (2007) quando refere que “o desconhecimento de que é possível ajudar a criança a construir, progressivamente, a sua voz cantada antes da puberdade, tem levado a descurar este aspeto importantíssimo da educação vocal infantil...assistindo-se a uma total ausência de preocupação relativamente à boa emissão e projeção vocal de crianças e jovens”. (2004:69-80).

Os diferentes pedagogos atrás referenciados, demonstram a delicada importância da aprendizagem de uma técnica vocal consciente das capacidades e limites de uma voz infantil, bem como ciente em todos os aspetos técnicos e físicos apropriados à idade e às capacidades individuais de cada aluno. Desta forma talvez seja correto afirmar que a idade ideal para se iniciar a aprendizagem vocal será no Ensino Básico desde que a criança evidencie claras aptidões para a disciplina de Canto.

Silva¹¹ (2006), na apresentação das várias fases da aprendizagem musical e vocal da criança desde os 4 meses aos 12 anos de idade, apresenta o seguinte quadro: A aprendizagem musical e vocal da criança:

4 MESES
Ao nascimento a laringe inicia a sua descida, o que se segue ocorrendo até ao longo da sua vida. (Behlau, 2001)
Imita o canto, mesmo que não atenda à altura ou aos tempos dos sons (Teplov 1969). Conseguem cantar sons únicos: como u-u-u-u-u, e-e-e-e, i-i-i-i, o-o-o-o, etc. Respondem à música com movimentos

¹⁰ Kenneth Phillips- professor de música e educação na universidade de Iowa. Orienta investigações e métodos direcionados para vozes de crianças e adolescentes até à fase de adulto.

¹¹ Levi Silva- doutorado em educação pela universidade de Salamanca. Docente na universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro.

repetitivos (*balanceamentos corporais ou agitação de membros*), não correspondendo propriamente à música, pois tratam-se única e simplesmente de ritmos próprios.

Estes movimentos não estão ligados à música no essencial, mas sim no facto de eles começarem e acabarem, quando a música começa e quando ela acaba (Moog 1979).

As crianças nesta idade (4 a 6 meses) já conseguem nem que seja tenuemente, distinguir ou detetar as diferenças entre um tom em algumas frases melódicas apresentadas.

6 MESES

Fase em que já começam a entender os sons e a produzi-los, se bem que não são ainda capazes de conseguir estabelecer uma relação de altura exata de uma nota (Teplov -1969)

9 MESES

Associa o canto ou a expressão vocal a tudo o que faz. Aparecem as primeiras expressões rítmico-musicais. Ainda não é capaz que distinguir mais do que uma terceira menor. Começa a acompanhar canções associadas aos batimentos corporais (*bater pés, mãos, pernas, palmas etc*).

1 ano

Consegue imitar sons de animais, transportes, pessoas e outros (Teplov 1969). Atreve-se normalmente a acompanhar ritmos com o corpo, assim como reage corporalmente à música que lhe aparece (Teplov, 1969; e Gesell, 1940).

Procura uma ligação bem estabelecida (*sincronização*) entre os sons e o movimento corporal. Os ritmos mais fáceis de acompanhar são as canções de embalar (Francis 1956).

Pode a criança nesta fase, cantar um pouco da canção, mesmo sem a perceber (Francis 1956). Consegue ampliar o tempo, o tom e a intensidade da voz, assim como presta atenção a certos sons, como

relógios, campainhas, despertadores etc. (Francis 1956).
2 anos
<p>Com prazer imita sons de instrumentos e com facilidade vários sons do quotidiano. Reage abundantemente com reações rítmico-corporais, assim como adora o ritmo pois estimula-a a cantar e reconhece algumas melodias.</p> <p>Têm desempenhos significativos em termos de execução instrumentos rítmicos (Francis 1956).</p>
3 anos
<p>É capaz de criar uma imagem mental dos sons dados por um instrumento, assim como consegue agrupar elementos sonoros idênticos (Zenatti 1969). É detentora de um elevado desenvolvimento do senso rítmico e do ouvido melódico (Teplov 1969). Consegue captar e praticá-la, se bem que canta nos graves e grita nos agudos. Mesmo fora de tom consegue cantar por inteiro canções simples, assim como começa a coincidir tons simples, para além de já não se inibe tanto quando canta m grupo e salta, caminha. Corre e pula em conformidade com a música e o seu ritmo (Gesell 1940).</p> <p>Acompanha espontaneamente uma música, batendo regularmente uma cadência, ou acompanhando com o bater de um lápis na mesa, ou ainda, marchando na sala de aula. Consegue também reproduzir estruturas rítmicas simples com mais de três elementos (Fraisse 1972). Conseguem ecoar vocalmente o ritmo em palavras, assim como bater palmas representando fielmente o ritmo padrão depois da sua vocalização.</p>
4 anos
<p>A criança ainda não tem uma noção consciente da simultaneidade sonora. Assim como, ainda confunde a intensidade com velocidade mas já consegue distinguir o mais lento do mais rápido e, apenas faz um acompanhamento intuitivo, ou seja, em perceber conscientemente os tempos nem os reproduzir intelectualmente (Piaget 1975).</p>

Adora explorar o universo sonoro e já consegue cantar canções comuns, assim como identifica melodias simples e de as dramatizar. Começa a ter um maior controlo da sua voz e tem prazer em participar jogos cantados se bem que simples (Gesell 1940).

Começa a gostar de cantar para os outros, ao mesmo tempo que aumento o seu repertório, assim como já reconhece todos os sons de uma oitava e muitas das vezes já canta já dentro do tom

Possui capacidades para que possa já praticar o canto coral monódico. A sua voz já alcança mais notas do que até aqui e, simplesmente ama a música. (Teplov 1969).

5 anos

Consegue reconhecer o Dó no meio dos restantes sons musicais, assim como notas executadas no piano. Consegue cantar a duas vozes e já é dona de uma sensibilidade musical própria (Teplov 1969).

Gosta de ter um repertório extenso. Já consegue cantar dentro de tom. Está em condições de sincronizar corretamente movimentos, dançar e executar batimentos corporais em conformidade com a música e o ritmo que lhe são expostos (Gesell 1946).

Com instrumentos rítmicos e melódicos para efetuarem experiências a nível de composição, as crianças de 5 anos de idade conseguiram executar sequências diatónicas e tonalidades cromáticas nos xilofones (*compreendendo os conceitos de escala*), enquanto que os de 4 anos de idade tocavam sons ao acaso (Miller 1986).

6 anos

Consegue coordenar o tempo, para que o possa relacionar nas devidas proporções com outros sons e outras unidades de tempo (Piaget 1975). É capaz de manter frases longas de algumas canções, sem usar a respiração intermédia - devido à sua capacidade torácica. É capaz de reproduzir e identificar melodias consideradas como simples (Gesell 1946).

É possuidor de uma capacidade de apreensão de um ritmo de 5 a

<p>6 sons (Fraisse 1962). É possuidor de um alto nível de percepção rítmica. Discrimina com alguma facilidade os sons em termos temporais. Tem relativa dificuldade em comparar elementos melódicos e harmónicos que se sucedam no tempo (Zenatti 1969).</p>
<p>7 anos</p>
<p>Já coordena sons simultâneos e sincronizar durações (Piaget 1975). Interessa-se pelas aulas de música e gosta de instrumentos de percussão. Já é capaz de cantar temas com frases longas (Gesell 1946).</p> <p>É capaz de reconhecer um simples esquema de tonalidade, assim como demonstra já capacidades de percepção claras sobre a obra polifónica - melhor nos graves (Zenatti 1969).</p> <p>Consegue sem dificuldade seguir os batimentos do metrónomo (Fraisse 1962).</p>
<p>8 anos</p>
<p>Tem prazer em tocar em duo, assim como fazer criações musicais e principalmente de ter assistência enquanto executa musicalmente algo (Gesell 1946). É capaz de associar com facilidade durações (Piaget 1975). Adquire uma noção individual de tempo (Fraisse 1967). Está capaz de se aperceber melhor dos significados das variações de modo e das variações de tonalidade (Zenatti 1969).</p>
<p>9 ANOS</p>
<p>Adora ter o seu próprio instrumento. Está dedicado à prática musical, onde executa com prazer vários legatos e staccatos, assim como se interessa cada vez mais por compositores e pela música convencional (Gesell 1946).</p> <p>Com facilidade domina as variações de tempo, assim como explora a música polifónica com mais precisão e tem agora uma maior percepção melódica. Identifica e discrimina imediatamente uma mudança no sistema tonal ou de uma mudança melódica (Zenatti 1969).</p>

10 ANOS

Torna-se muito mais sensível à melodia e à multiplicidade das estruturas da mensagem musical, mas ao mesmo tempo torna-se mais inseguro no seu comportamento musical e é relutante nas respostas, se bem que estas estão agora mais controladas (Fraisse 1967).

Progride a olhos vistos, no que diz respeito à discriminação percetiva das variações de tonalidade. Assim como melhora a perceção dos graves, agudos e do tema na polifonia (Zenatti1969).

12 ANOS

Reproduz estruturas rítmicas de 7 a 8 elementos (Fraisse 1967).

Tal como acontece com todas as aprendizagens que a criança faz durante a infância, a aprendizagem musical e vocal vai depender dos vários fatores sócio-afetivos e culturais do ambiente que a envolve. Assim como se aprende a falar um ou mais idiomas, também se pode ensinar uma criança a exprimir-se através da música.

No estudo elaborado por Welch¹² e seus colegas, concluíram que “As capacidades das crianças para o canto e as suas atitudes são socialmente e culturalmente localizadas, sujeitas a processos de desenvolvimento e sensíveis às experiências educacionais.” Eles acrescentam também que, a análise demonstra que as crianças que participaram do programa SING UP situam-se cerca de dois anos avançados no desenvolvimento do seu canto em comparação com os seus pares da mesma idade, pares estes que não participaram no programa. Apesar de já existir escolas em Portugal a exercer a disciplina de Canto no 2º ciclo do Ensino Básico, podemos detetar algumas lacunas, das quais se salientam: iniciação da educação vocal apenas no 2º ciclo do Ensino Básico, falta de métodos específicos e de formação especializada dos professores para a faixa etária referente ao primeiro e ao segundo ciclo do EB, falta de um plano de estudos concreto para o nível em questão e de aplicação generalizada para todas as escolas.

¹² Graham Welch detém a reitoria do departamento da educação musical no Instituto superior de Educação da Universidade de Londres. É Presidente da Sociedade Internacional de Educação Musical (ISME), é também representante da Sociedade internacional para a Educação, Música e Psicologia onde monitoriza uma pesquisa nesta área.

O ensino vocal nas crianças

É sabido que existem diversas formas possíveis para desenvolver a voz numa criança. Phillips ostenta uma clara e específica abordagem ao aparelho vocal da criança, bem como a forma de desenvolver as distintas competências de uma feição consciente e correta. Seguidamente apresenta um programa curricular que vai do nível 1 ao 12, sugerindo ainda um guião com noventa exercícios direcionados a treinar cada competência específica, identificando para cada grau as especificidades e as respetivas competências a atingir ou a desenvolver.

O currículo para jovens cantores (que vai do 1º ano -12ºano, engloba o estudo desde o 1º ciclo do Ensino Básico até ao Final do Secundário) consiste então, em noventa exercícios sequenciais sobre as cinco áreas do desenvolvimento vocal: respiração, fonação, ressonâncias, dicção e expressão. Este método é dividido no primeiro ano com quinze exercícios, e para cada ano seguinte (*graus 2-6*), são ministrados mais quinze exercícios, até perfazendo o total dos 90 exercícios. Num ano letivo, na prática, isto representa a introdução de um novo exercício aproximadamente a cada duas semanas. Se todos os exercícios foram desenvolvidos até ao 6º ano, o professor do secundário pode então continuar a desenvolver através da análise, as habilidades vocais descritas neste método. O constante acompanhamento do progresso dos alunos vai estabelecer as áreas que precisam de intervenção imediata, Phillips, (1992).

Phillips, sugere que a dinâmica de trabalho nas aulas deve ser suave e calma, principalmente o treino vocal mais forte, que ele fundamenta com a apresentação de cinco pontos para usar “Uper-adjustment voice”.

Grandes objetivos do Currículo

Parte I	Objetivos Respiração
	Desenvolvimento da postura. O aluno irá desenvolver técnica de postura própria, através de exercícios que envolvam as capacidades físicas (alongamento e relaxamento), posicionamento do corpo activo e alerta para o conhecimento consciente.
	Respiração em movimento. O aluno irá desenvolver a técnica respiratória em movimento correto (ciclo de inalação

- expiração) através de exercícios envolvendo uso ativo dos músculos respiratórios.
Gestão de respiração. O aluno irá desenvolver a técnica de gestão de respiração, através de exercícios que envolvam o apoio (coluna de ar com base na energia respiratória) e controle (emissão lenta de ar) do ar exalado quando aplicada a produção vocal.

Objetivos de currículo

Parte II	Objetivos Fonação
	Colocação em registo grave O aluno deverá desenvolver a técnica de colocação em registo grave de produção de voz através de exercícios que envolvem clareza vocal, colocação e projeção.
	Colocação em registo agudo. O aluno irá desenvolver a técnica de colocação no registo agudo de produção de voz através de exercícios que envolvem clareza vocal, colocação e projeção.
	Coordenação da colocação. O aluno irá desenvolver a técnica vocal de colocação em registo central ou médio através de exercícios envolvendo clareza vocal, a colocação, o equilíbrio e a projeção.

Parte III	Objetivos Ressonância e Produção do Som.
	Ressonâncias vocais. O aluno irá desenvolver a Técnica de ressonância vocal através de vários exercícios que envolvem liberdade, foco e projeção da voz.
	Cores uniformes vogal. O aluno irá desenvolver a técnica onde explorará ressonâncias otimizando as cores das

vogais de uma maneira uniforme ao cantar. Por meio de exercícios que envolvem a formação do trato vocal, aumentando a ressonância e atingindo o movimento do som em legato.

Coordenação vocal. O aluno irá desenvolver a técnica de coordenação vocal através de diversos exercícios de registo, envolvendo exploração da afinação e da precisão, registo definido e coordenado, ressonância aumentada, e flexibilidade.

PARTE 2

Notas iniciais sobre uma experiência pedagógica no 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico.

Como observação inicial, assume-se a ideia de que o trabalho pedagógico com os três ciclos do Ensino Básico, em simultâneo, dá uma perspetiva global eventualmente mais difícil de alcançar quando se intervém, apenas, num destes três níveis. De eficácia, apesar de tudo, discutível, esta nova possibilidade de lecionação dos três ciclos pelo mesmo docente, contudo, talvez dê uma nova e mais real perspetiva de continuidade - nem sempre conseguida anteriormente - da articulação de objetivos, estratégias e práticas ao longo de todo o Ensino Básico. Lembrem-se, a propósito, as “crises” de mudança de ciclo – principalmente entre o 1º e o 2º - que tanto transtorno parecem causar a alguns alunos mais sensíveis aos aspetos formais e organizacionais do sistema! Ora, na medida em que, alguns docentes possam seguir o percurso escolar dos alunos, este pode ser um contributo importante para a diminuição dessa espécie de stress que acompanha os momentos de transição ciclo. Embora não seja o tema fundamental do trabalho que aqui se apresenta, não parece descabida esta nota inicial a título de primeira conclusão da experiência vivida.

Refira-se ainda que, apesar de o trabalho docente com alunos do 1º ciclo não ter sido surpresa - dado existirem anteriores experiências a este nível -, será relevante mencionar que, também aqui, a necessidade de refletir sobre as práticas a adotar, a necessidade de realizar leituras e consultas no âmbito dos estudos de preparação para as Unidades Didáticas do Mestrado frequentado e as consequentes trocas de ideias com colegas e docentes, geraram um clima positivo e proveitoso na conquista dos objetivos pedagógicos das aulas dadas e na conquista pessoal de novas e renovadas experiências e conhecimentos.

A Expressão e a Educação Musical são áreas de lecionação com técnicas e competências sobre as quais é preciso refletir. Assim sendo, como de resto noutras áreas do ensino e da aprendizagem, as preocupações do docente não devem centrar-se exclusivamente nos objetivos finais a alcançar mas, em simultâneo, devem incidir na seleção de estratégias e técnicas que, pela sua natureza, melhor possam ser vivenciadas pelos alunos na sala de aula.

Para isto concorre, naturalmente, o conjunto de destrezas musicais e pedagógicas que o docente consiga dominar, bem como o conjunto de meios técnicos que possa ter à sua disposição. Nesse sentido, é importante a reflexão sobre as estratégias a adotar durante a aula, é fundamental que estas estratégias sejam previamente preparadas e estudadas – tanto no plano pedagógico quanto musical - e que sejam selecionados os instrumentos técnico-pedagógicos adequados. Desde a escolha da canção, passando pelo seu estudo e pelo estudo da estratégia do seu ensino, até à seleção dos instrumentos musicais a usar pelo professor e pelos alunos, tudo deve ser pensado e articulado no sentido de se conseguir o melhor efeito possível. Em Portugal, as salas destinadas à Educação e à Expressão Musical não têm uma configuração arquitetural padrão nem um equipamento standard. É possível encontrar-se de tudo um pouco: desde salas completamente despidas de quaisquer recursos até àquelas que têm todos os equipamentos imagináveis.

Em certo sentido, esta observação – feita apenas tendo em conta a experiência pessoal - pode dar-nos a ideia da ausência de uma política central e articulada de promoção desta área disciplinar. De qualquer modo, tanto por via do costume entretanto instituído, como por via das razões didáticas evidenciadas pelos instrumentos, as salas de aula destinadas à música no ensino básico têm, por norma, um conjunto mais ou menos rico de instrumentos do chamado grupo “Orff”: pequenas percussões, flauta de bisel e instrumentos de lâminas. Como as práticas lectivas não fogem à regra do condicionamento provocado pelo espaço e pelo seu equipamento, naturalmente que a Expressão e a Educação Musical nas escolas do Ensino Básico em Portugal privilegia bastante o uso dos Instrumentos Orff pela simples razão de eles existirem nas salas de aula de música das escolas portuguesas. Isto não obsta, naturalmente, a que outros instrumentos possam ser selecionados como “bons” meios e “bons” fins a usar em meio pedagógico musical. Muito pelo contrário: é tempo de se elegerem outros instrumentos que, com aqueles, possam disponibilizar uma paleta tímbrica mais diversificada na formação musical inicial dos alunos portugueses.

Mas nem só de instrumentos e do seu uso é feita a prática letiva da música. A canção, nas suas múltiplas expressões – canção didática, canção tradicional, canção de gestos, canção de roda, etc. – assume uma especialíssima importância, tanto mais que são muitos os que defendem que a música “só se

aprende” cantando. Não querendo entrar aqui em especulações e formulações de âmbito teórico, parece razoável aceitar que o canto é uma atividade musical inerente à própria natureza humana e que, por isso mesmo, a criança, naturalmente, canta. E canta, praticamente, desde que nasce ou, mais precisamente, desde que emite os primeiros sons. É deste modo que, sem grandes riscos, se poderá afirmar que a prática coral é uma das atividades fundadoras e estruturantes da própria Expressão e Educação Musical.

Também os jogos com sons têm vindo a assumir o seu lugar no conjunto de ferramentas usadas nesta área disciplinar. “Adivinhas” e jogos – nas suas dimensões de altura, intensidade e timbre - podem revelar-se de grande interesse na motivação dos alunos e, igualmente, podem assumir um papel importante quando o docente pretende avaliar alguns aspetos mais específicos das competências musicais/auditivas dos alunos em formação. É evidente o valor profundamente lúdico deste tipo de atividade. Contudo, qualquer que seja a atividade usada, ela não deve esquecer que a música e a sua prática – vocal e instrumental – são, no dizer dos próprios programas dos 1º e 2º ciclos, a atividade fundamental da aula.

A música é uma atividade que se revela de múltiplas formas. Para além das já citadas – cantar, tocar, jogar – a audição é uma das atividades mais difíceis de contemplar. Fazer com que uma turma de alunos se silencie para ouvir uma obra gravada é uma tarefa praticamente impossível de realizar. Mas, se é importante que os alunos “aprendam” a ouvir música, então como consegui-lo? Será pela qualidade musical da obra? Será pela imposição disciplinada do silêncio? A experiência tem vindo a demonstrar que a qualidade da audição, depende mais da proximidade afectiva da obra que da sua qualidade intrinsecamente musical. Por esta razão, os alunos tendem a ouvir melhor e mais atentamente gravações de pequenas obras realizadas por eles próprios. Este poderá ser, então, o primeiro degrau para audições de outras e mais, musicalmente, relevantes obras.

Outro aspecto que é importante contemplar é o se saber que informações e com que nível de aprofundamento se devem tratar estas “coisas” da música: os nomes dos instrumentos, as questões ligadas à leitura e à escrita da música, alguns aspetos musicológicos básicos que vão desde a consciência da natureza física do som até ao conhecimento de algumas realidades históricas e quaisquer outras informações complementares julgadas úteis. Aqui há que não esquecer que o ensino básico contempla alunos cujas idades vão desde os 5 aos 15 anos, ou mais. É, por essa

razão, importante lembrar que, de acordo com os programas e o espírito que os envolve, há uma dimensão da música que deve ser transversal a todo o percurso do EB. Essa dimensão radica na experimentação concreta do som e da música. Há outras dimensões – ligadas a aspetos mais musicológicos – que devem merecer a atenção, apenas, ou quase, do 3º ciclo. A experiência tem vindo a clarificar a ideia de que as noções teóricas “ensinadas” aos alunos pelo método expositivo e sem a respetiva contextualização prática, principalmente nos anos referentes aos 1º e 2º ciclos, são, na realidade, quase que completamente inúteis – ou não são entendidas porque não lhes é reconhecida a razão de existirem ou, pela sua complexidade, não são, sequer, entendidas. Parece, pois, razoável pensar que “consumir” parte significativa do tempo destinado às atividades musicais, tanto no 1º como no 2º ciclos, com explicações e conjeturas de cariz teórico-musicológico não é o melhor caminho a seguir. Ou seja, assumam-se sem temor, que, até aos 6º ano de escolaridade, a prevalência das atividades deverá recair sobre as experiências vividas com a música propriamente dita, ou seja: cantar, tocar, dançar, ouvir, compor, gravar, dirigir...

A especulação teórica não faz parte do conjunto de atividades a privilegiar nesta fase. Não se quer com isto dizer que o nome de um instrumento ou de um autor de determinada música ouvida não deva ser citado e referenciado junto dos nossos alunos mais novos. Igualmente, as noções práticas de leitura e de escrita da música devem ser iniciadas ainda durante o 1º ciclo. Claro está que, sempre, partindo da experimentação e sensorialização no contacto com o som da voz, dos instrumentos e de gravações. A escrita deve ser a consequência do que se fez na prática e nunca o ponto de partida de uma atividade musical que, nestes casos, pode nem sequer vir a existir. Ou seja, uma canção, primeiro canta-se e depois, escreve-se ou lê-se. E essa leitura e essa escrita devem contemplar um nível compatível com as necessidades concretas e reais dos alunos em questão - haverá canções em que é possível entender a sua escrita e outras em que isso pode não ser possível.

O docente escolhe o material musical em função dos objetivos que pretende alcançar – se quer uma canção para que os alunos a possam ler, então ela deve ter uma construção melódica e rítmica compatível com possibilidades e conhecimentos dos alunos em questão.

Sem querer aqui fazer a avaliação das vantagens e dos, eventuais, inconvenientes das chamadas AEC’S, é inegável que este processo de fazer chegar a

música aos alunos do 1º ciclo do EB tem vindo a ganhar terreno. Não esquecer, contudo, que a Expressão e Educação Musical do 1º ciclo do EB é uma realidade histórica no currículo do 1º ciclo contemplada no organograma dos programas deste ciclo de ensino. Contudo, como é do conhecimento geral, uma percentagem significativa dos docentes do 1º ciclo – por razões que não queremos escrutinar – tem-se demitido da sua lecionação. Em determinados casos pontuais, foi possível que um professor de Educação Musical cooperasse com o docente do 1º ciclo no sentido de contemplar as áreas carenciadas – não só música como, também, eventualmente, no caso de outras disciplinas da área das expressões. O interesse seria que se tornasse possível realizar pontes interdisciplinares, que as atividades pudessem ser articuladas entre os docentes e que os conteúdos ganhassem razão de existir justificando-se a si próprios na medida em que os alunos perceberiam e “apreenderiam” um mundo em que tudo se relaciona entre si (sincretismo). Este ideal, contudo, tem ficado sistematicamente pelo caminho. Mesmo quando um docente de Educação Musical comparece na turma do 1º ciclo, as suas atividades não serão tão articuladas com as “matérias” do professor titular como seria desejável. Estas são impressões totalmente desprovidas de confirmação através de qualquer instrumento de pesquisa desenvolvido. Por isso mesmo, elas não resultam de um estudo sistemático nem foram colhidas em bibliografia que as possa sustentar. São, tão só, impressões pessoais, resultantes das observações informais e de relatos de colegas da mesma área letiva. A razão pela qual aqui se faz referência a estas impressões decorre da necessidade de fazer eco de um conjunto de práticas que o sistema tem vindo a alimentar, sem crítica nem solução, embora com a evidência a sobrepor-se ao que todos desejaríamos como mais apropriado.

Foi neste contexto que surgiram as chamadas AEC's que, ao contrário de se afirmarem como solução no quadro institucional vigente, vieram criar uma nova realidade, não na esfera da prática lectiva, mas sim na da chamada “ocupação tempos livres”.

Feitos estes reparos, tem-se entendido – será que bem? - que o professor que leciona a música nas aec's, veio substituir um pouco o papel que o professor titular tinha, ou teria, relativamente a esta área disciplinar. Quer dizer, presentemente, esta disciplina é da responsabilidade do professor de expressão musical das aec's que acaba por fazer a sua função e, algumas vezes, a do professor

titular, pois este considera que quando lhe surge alguma atividade relacionada com música passa este encargo para o professor de música por achar ser ele o que entende desta área e também devido ao facto de se sentir uma pressão social relativamente à urgência dos conteúdos das outras disciplinas como o português, a matemática e o estudo meio.

Neste momento o que ainda funciona mal é a forma como esta e as outras atividades extra-curriculares são encaradas. Os próprios encarregados de educação desvalorizam estas atividades. Da experiência que se tem, em cada ano letivo é necessário uma conversa com os próprios pais, ou pedir à professora titular que transmita a palavra de que são eles em casa que devem comunicar aos filhos que as AEC's, apesar de não serem obrigatórias, têm de merecer a justa dignidade das atividades que contemplam.

Se já existia um passado como docente do 1º ciclo, relativamente aos 2º ciclo e 3º ciclo, a experiência proporcionada pelo estágio totalmente nova. Por esta razão, a curiosidade sempre foi maior, constantemente empolgada para conhecer a fundo os conteúdos, os critérios, os professores, o agrupamento, as turmas. Neste estágio foi possível adquirir competências, através da utilização de instrumentos da sala de aula, do uso do canto, do movimento, da improvisação, da criação/identificação, e transmitir aos alunos a importância do saber e do escutar. Comparando um pouco com 1º ciclo, existe um aspeto fundamental que é o de ter um piano na sala, o que faz toda a diferença.

No 2º e 3º ciclo existe uma sala específica para a disciplina, daí ser possível ter o piano e outros instrumentos maiores e não tão comuns numa sala de 1º ciclo. Já que existe uma sala própria para lecionar educação musical. Apesar de tudo, talvez fosse importante mudar a disposição da sala para certas ocasiões - ao assistir a alguns aulas dadas pela professora da disciplina, foi possível concluir que o exercício, ou a atividade prática resultaria melhor se a disposição da sala fosse outra. Esta proposta foi feita e houve uma aula em que foi feita a experiência mas depois não se voltou a fazer novamente.

A própria idade das crianças em cada um destes ciclos faz a diferença para o tipo de comportamento, de aproveitamento, sendo fases do crescimento diferentes, o professor também deve ter em conta isto, e saber adaptar-se a cada ciclo.

Foi importante verificar que os professores de educação musical organizaram o grupo de guitarra, de flauta e de coro, incluindo ao mesmo tempo teatro e dança. São ideias positivas que permitem ao aluno exprimir mais do que gosta, de conhecer mais ao pormenor as artes, quem sabe, para que no futuro opte por algo que conhece e sabe que gosta.

O aspeto menos positivo que tenho a apontar no 3º ciclo decorre de a Música ser uma disciplina de opção. A partir do 9º ano quem pretender fazer da música uma carreira profissional terá de seguir num conservatório, academia ou escola profissional. Na minha opinião, até ao 12º ano esta disciplina deveria ser opção e depois quem escolhesse esta área prosseguia no ensino superior, ou até mesmo antes do 12º ano os alunos pudessem optar por frequentar a par com a escola o conservatório, academia de música.

É cada vez mais discutido na área do ensino o fato de haver ou não trabalhos de casa nas férias, haver auxílio. Os trabalhos de casa devem existir mas não durante o período de férias - quando um polícia, um médico, um pediatra vão de férias não levam o trabalho para casa! Será legítimo fazê-lo a uma criança?

Relativamente ao apoio que os pais dão aos filhos com o trabalho de casa, é fundamental pois permite ao filho sentir vontade em se empenhar uma vez que está ao lado de alguém que lhe é de confiança, podendo essa pessoa transmitir a importância da realização e da aquisição de conhecimentos importantes no futuro.

O problema surge quando a criança tem dificuldades e os pais uma vez que tem pouco tempo ou pouca paciência, fazem o trabalho pelo filho.

Os aspetos negativos para além de não permitir ao aluno aprender, corre o risco de ter o trabalho mal porque o pai pode não estar a par dos conteúdos dados na aula. A preguiça é um aspecto que ao existir trabalhos de casa está diretamente relacionado com a criança, elas tentam de tudo para adiar o momento de abrir o caderno. Nesta situação, os pais devem dar o apoio essencial até que o filho atinja os objetivos pedidos pela professora.

Alguns pais depois dos trabalhos de casa feitos impõem aos filhos que façam mais, pretendendo que sejam os melhores da turma, não se apercebendo que isso prejudica o filho. O importante é motivar os filhos a aprender e a cumprir os deveres que lhe são exigidos pela escola. O papel do professor é importante para que

não transmita ao aluno insegurança, obrigação mas sim a intenção de transmitir conhecimentos e de conceber o hábito de estudo por vontade própria.

ACÇÃO EDUCATIVA NO AGRUPAMENTO

Sendo os alunos das Escolas/Jardins deste Agrupamento oriundos, na sua maioria, de famílias de classe média e famílias carenciadas, integrando pequenas franjas de famílias com grande poder económico e famílias oriundas de alguns países estrangeiros, o agrupamento Florbela Espanca pretende fazer da Escola um verdadeiro espaço educativo capaz de promover o desenvolvimento global dos alunos, criando neles o gosto por aprender, o respeito pelo trabalho e a importância da autonomia e da solidariedade.

Esta nova filosofia de perspetivar a Escola, implica uma visão do aluno como um todo, respeitando-o na sua dimensão individual e social, tendo em conta que a aprendizagem constitui um processo de construção e formação contínua da pessoa. Esta conceção de Escola é considerada por este agrupamento como sendo a que melhor se ajusta às necessidades sociais das crianças e de toda a comunidade educativa que deseja uma aproximação curricular, pedagógica e de interação com o meio que a envolve.

Pretende-se, assim, a construção de uma Escola integradora de diferentes saberes, culturas e aprendizagens onde se Aprende a Aprender (alunos), onde se Reaprende o que se Aprendeu (docentes e comunidade), ou seja, uma Escola que compreenda “(...) uma conceção de currículo que não se esgota nos conteúdos a ensinar e a aprender, isto é, não se esgota na dimensão do saber, mas que se amplia às dimensões do «ser, do formar-se, do transformar-se, do decidir, do intervir e do viver e conviver com os outros»” (Leite, C. et/al, 2002:2)._Pretendendo fornecer respostas educativas e tendo em conta o tema integrador “De Mãos dadas com os Outros e com o Mundo” e as áreas de intervenção selecionadas, o agrupamento procura envolver toda a comunidade educativa no processo de ensino/aprendizagem, sustentando projetos que preconizam a:

- Preservação e Conservação Ambiental; melhoria da segurança dos espaços e das pessoas;

- Promoção da Educação para a Saúde/Educação Sexual, nas quatro áreas específicas: alimentação e exercício físico, sexualidade e comportamentos de risco, consumo de substâncias (álcool, tabaco, e outras drogas) e violência no meio escolar.

- Coesão Social; respeito pela diversidade de culturas e valores estéticos, morais e cívicos; desenvolvimento da personalidade; capacidade de interagir com o outro e com o mundo que o rodeia, orientado por princípios democráticos, capazes de contribuir para um ambiente e clima saudáveis; solidariedade para com as gerações presentes, passadas e futuras.

- Melhoria da qualidade de ensino/aprendizagem, privilegiando-se uma flexibilização curricular com “sentido”, ou seja, que resulte das necessidades, vivências e expectativas dos alunos, com vista à aquisição das competências essenciais à vida futura.

- Rentabilização dos espaços e dinamização de atividades que proporcionem aos alunos o desejo de frequentar a Escola, com entusiasmo e alegria.

- Escola, não como uma instituição fechada em si mesma e propriedade única dos profissionais da educação, mas como um espaço aberto, onde os pais/encarregados de educação e comunidade possam intervir, criando-lhes assim múltiplas interações que respondam às suas necessidades e expectativas.

Sendo esta a Escola que o agrupamento Florbela Espanca ambiciona, onde se pretende implementar uma Pedagogia Diferenciada, assente na cooperação e na implicação dos alunos como “atores” da sua própria aprendizagem, insurge a necessidade de conceber e elaborar planos de ação educativa que estimulem a aprendizagem, dentro e fora da sala de aula, de acordo com as características e ritmos individuais dos alunos, tendo em vista o seu sucesso educativo e a aquisição e desenvolvimento de competências que lhes permitam uma plena inserção na

sociedade. Encarado por esta entidade que não cabendo unicamente à escola a responsabilidade da formação dos indivíduos e considerando que a família é o primeiro e principal núcleo de socialização da criança, esta vê-se privada, em grande parte dos casos, e por ocupação profissional dos pais, deste importante sistema tradicional de apoio, pelo que se verifica um abandono e entrega a si própria, durante o período pós-letivo. Para colmatar esta falta de apoio, o agrupamento apela a todos os que se sentem implicados no processo educativo em virtude de proporcionar condições dignas e estimulantes para que as crianças possam realizar descobertas e aprendizagens complementares às de carácter formal. Por conseguinte, há necessidade de recorrer a estratégias e metodologias que não assentem em propostas de carácter carencialista, mas que constituam, por si próprias, uma mais-valia para o enriquecimento global e integral dos alunos.

É conhecido que existem fora da escola inúmeras fontes de saber, razão pela qual o agrupamento vê com relevada importância o estabelecimento de redes de comunicação diversificadas e a criação de espaços lúdicos e de lazer, onde os alunos possam ocupar os seus tempos livres de uma forma mais segura e agradável. No entanto está presente a consciência que para a concretização desta intenção, não basta unicamente o esforço e boa-vontade dos profissionais de educação, mas é necessário, sobretudo, o envolvimento e empenhamento de outros parceiros, nomeadamente autarquias e associações de pais, dado que isso implica a disponibilização de recursos humanos, logísticos e financeiros, afirma o agrupamento.

É com esta nova visão de educação que se pretende articular todas as possibilidades de formação, privilegiando as várias dimensões do ser humano, nomeadamente a dimensão pessoal, cognitiva e social.

Turmas observadas e aulas lecionadas durante o estágio.

1º ciclo

Caraterização da escola

A escola eb,1 da Torre é formada por 4 salas de aula, distribuídas por 2 pisos. Existe uma sala designada sala dos professores, onde também estão instalados o telefone, a fotocopiadora e a mini biblioteca da escola. Existem ainda dois recintos com cobertura de pequena área na traseira do edifício, onde estão instalados os sanitários. Rodeando a escola existe um espaço bastante amplo que funciona como recreio. Na parte da frente há um jardim. Todo o espaço envolvente da escola está murado e vedado com rede.

Caracterização da turma

O meu estágio no 1º ciclo foi realizado na e.b 1 da Torre em Esmoriz, trabalhei com uma turma de 4ºano, composta por 22 alunos (12 rapazes e 10 raparigas) com idades entre os 8 e 9 anos de idade, nenhum aluno tinha necessidade educativa especial. Meu professor cooperante, Renato Gonçalves, colaborou e se mostrou disponível.

Pessoal docente

Nesta escola de 1º ciclo existem 4 professores e 4 assistentes operacionais.

O material didático

Nos armários da sala dos professores, encontrava-se a caixa com o instrumental orff, e o leitor de cd. Na sala de aula existe um computador.

Desenvolvimento da prática de ensino

Um dos meus objetivos quando iniciei meu trabalho nesta turma, foi a criação da estimulação através das aulas teóricas com as práticas, ajudando os alunos no aumento de conhecimento e no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Depois de conhecer a turma, tive o cuidado em observar os alunos para obter referências sobre eles, permitindo saber como fazer os mais reservados participarem nas aulas de uma maneira mais confortável.

Após uma conversa com o professor titular para decidir que conteúdos abordar, a minha primeira aula iniciou com uma apresentação minha e dos alunos, depois passei para o tema do aparelho digestivo.

Fiz um desenho no quadro do aparelho digestivo e ao mesmo tempo no desenho tinha o símbolo de um instrumento orff, uma aluna se voluntariou para contar a história seguindo o percurso, foi distribuído instrumentos aos alunos e assim que apontava para um instrumento o respetivo aluno tocava, só terminou depois de todos participarem. Por fim, foi feita uma gravação e audição da mesma para todos terem uma noção do trabalho que fizeram. As aulas seguintes foram realizadas da mesma forma, todas as semanas tinha um diálogo com o professor titular e depois de saber o tema que ele ia abordar, preparava a aula para a semana seguinte. Houve uma aula em que trabalhamos o tema do magusto, noutra a canção do aparelho urinário, e as restantes a canção para a festa de natal.

Numa fase mais próxima no natal, preparei a canção alusiva a esta época, uma festa que foi realizada a 16 de Dezembro no auditório de Esmoriz, onde as 4 turmas e as crianças do pré-escolar apresentaram suas atividades turma a turma. Fui bem recebida pela escola, desde os funcionários, professores e alunos, todos colaboraram comigo e demonstraram uma grande disponibilidade para colaborar no que fosse necessário. É importante o professor ter o cuidado em se moldar aos alunos, e eu tive esse fator em consideração, só assim é possível criar um ambiente agradável fazendo com que a turma sentisse interesse e motivação para a realização das aulas.

Os objetivos propostos neste estágio, foram atingidos, permitindo realizar o trabalho com sucesso.

2º ciclo

Caraterização do contexto educativo

Localização geográfica

Esmoriz e Cortegaça são duas localidades contíguas, pertencentes ao distrito de Aveiro, confinando a Sul com o restante concelho de Ovar, a Oeste com o Oceano Atlântico, a Norte com o concelho de Espinho e a Este com o concelho de Sta. Maria da Feira. Ocupam uma área territorial aproximadamente de 20 Km² e cerca de 20.000 habitantes.

Enquadramento sócio-económico

O Agrupamento Florbela Espanca Esmoriz encontra-se na jurisdição das freguesias de Esmoriz e Cortegaça.

Estas duas localidades têm o estatuto administrativo da Cidade e Vila, respetivamente. Com uma população residente de 15.000 e 7.500 habitantes, respetivamente, estas localidades pela sua situação geográfica (zonas balneares) apresentam uma população flutuante significativa acabando por fixar cerca de 5 % dos visitantes, pelas boas condições de vida que encontram (praia, pinhal, acessibilidades). Por serem zonas do litoral apresentam uma significativa classe piscatória, classe esta que pelo seu “modus vivendi” é considerada “sui generis”, refletindo-se esta cultura na comunidade escolar.

São localidades que registaram no último momento censitário (2001) um acréscimo de população de cerca de 12%, contrariando a tendência nacional, muita devido à elevada taxa de natalidade que apresentam. A densidade populacional destas duas localidades é de 1192h/Km² - Esmoriz e 457h/Km² - Cortegaça. Sendo consideradas duas das freguesias com forte incidência turística, pois apresentam praias de ótimas qualidades e zonas ambientais de lazer, é importante o sector de turismo, a atividade económica que emprega um número significativo de residentes. O sector primário (agricultura e pesca) que caracterizava o passado destas freguesias, na linha do que acontece com a generalidade das sociedades modernas, representa, presentemente, pouco no contexto da economia local encontrando-se a agricultura reduzida a bolsas agrícolas (agricultura de subsistência familiar) e a pesca transformada em artesanal – arte chávêga. Com o desaparecimento destas atividades aliadas à transformação da tanoaria industrial em artesanal, os jovens são

encaminhados para a indústria do calçado, confeções, mobiliário, material de escritório, tapeçaria, cordoaria, espumas, construção civil, componentes elétricos e indústria automóvel, que pelo seu número e pujança económica empregavam até ao fim da década de 90 a totalidade da mão-de-obra.

Atualmente com a deslocalização das grandes unidades industriais (multinacionais), principais entidades empregadoras, a que se soma a crise no sector da construção civil e confeções, aliada à baixa qualificação dos residentes, regista-se uma elevada taxa de desemprego – 8,5%. Esta situação reflete precariedades nas relações familiares com as inevitáveis consequências ao nível do desempenho escolar dos alunos das escolas que constituem o Agrupamento. É fator não despreciando o sector do comércio e serviços, nestas duas freguesias, uma vez que são inúmeros os pequenos comércios e escritórios nas mais diversas áreas empregando, em conjunto, cerca de 5% da população residente. Como se pode constatar as atividades económicas que caracterizavam sociologicamente estas comunidades, tanoaria, cordoaria, pesca e agricultura, estão transformadas em capacidades artesanais com papel meramente representativo.

A não adaptação de muitos jovens ao mundo do trabalho local, muito por falta de qualificação e escassez de postos de trabalho, obriga-os a emigrar sendo significativo o número de alunos que são criados só pela mãe ou outros familiares. Tal situação acarreta modificações comportamentais que se refletem de uma forma significativa na sua integração social, ao nível da comunidade escolar. É, ainda, de salientar a existência de um grande número de famílias carenciadas, com tendência para aumentar o desemprego.

Caracterização da escola

A escola e.b. 2/3 Florbela Espanca situada em Esmoriz, tem quatro pavilhões, o primeiro designado pelo pavilhão A, sendo composto por uma biblioteca, secretaria, sala dos professores, bufete da sala dos professores, reprografia, pbx. O pavilhão B é constituído pela sala de evt, o pavilhão C, é formado pela cantina, papelaria, bufete. O pavilhão D, tem o elevador, a sala de Ev, sala informática, sala de grandes grupos e o laboratório de físico-química. Existe ainda um pavilhão gimnodesportivo, campos de jogos exterior.

Caraterização da turma

Durante este estágio trabalhei com uma turma de 2º ciclo (6ºA), constituída por 20 alunos, 12 rapazes e 8 raparigas, a sua média de idades é de 11 anos.

Relativamente a retenções anteriores existiam 4 alunos, no qual era feito testes específicos incluindo também a aluna com necessidades educativas especiais.

Pessoal docente

O pessoal docente do 2º e 3º ciclo perfaz cerca de 75, pertencendo na sua maioria ao Quadro da Escola. Dão apoio à escola 22 Assistentes Operacionais (5 com contrato a termo certo), exercendo uma as funções de Coordenadora, em regime de mobilidade interna, 1 Guarda-Nocturno, 9 Assistentes Técnicos, sendo um o Coordenador (uma das funcionária com contrato a termo certo).

Material didático

A sala de educação musical, tinha o material didático composto pelo piano, instrumental orff, bateria, retroprojektor, sistema de som, computador com acesso a internet.

Desenvolvimento da prática de ensino

Numa primeira fase deste estágio pedagógico, houve aulas assistidas, fui observando a professora da disciplina de educação musical ao mesmo que fazia apontamentos, tomava notas sobre as dúvidas que surgiam para mais tarde perguntar a professora cooperante.

Observar as aulas, possibilitou-me visualizar uma professora já com anos de experiência, verificar as diversas formas de dar aulas e até mesmo de improvisa-las.

Para todas as aulas era feito um plano que me servir como guia da aula que tinha de dar, era entregue um rascunho a professora cooperante e no final fazíamos trocas de ideias sobre esse plano. No mês de Janeiro, preparei a minha primeira aula da turma e abordei a sincopa, semínima com um ponto, e os cordofones. Nas aulas seguintes explorei os temas sobre reproduções rítmicas, a melodia “Englismen in new York”, o tom, flauta de bisel, revisão para o teste, reproduções rítmicas, ++-- jogos musicais, alteração rítmica, os idiofones, pontilhismo tímbrico, melodia: “Titanic”, os membranofones, canção “Quinta da amizade”. A turma ficou fascinada

por aprender os conteúdos através de jogos musicais que elaborei e não só pela audição mas visualização de instrumentos musicais, verifiquei que é algo a que a turma não estava habituada e foram recetivos.

Um aspeto importante quando se faz um estágio, é nos sentirmos bem no ambiente em que estamos inseridos e ter gosto no que estamos a fazer, por esta razão, tudo foi positivo de forma a facilitar bastante o meu trabalho.

Em todo o estágio tive apoio da professora de educação musical, apreciei as atitudes da turma enquanto dava as aulas e como esta experiência foi totalmente nova, devo concluir que foi positiva.

Considerei o meu trabalho com esta turma bastante positivo, uma vez que, os alunos contribuíram imenso, foram acessíveis permitindo que a minha tarefa fosse sempre realizada de acordo com a meta que eu estabelecia.

Uma turma heterogénea, com uma mistura de diferentes estratos socioeconómicos. Esta turma participou bastante, durante as aulas mostraram interesse em aprender a matéria, o comportamento era positivo e todos colaboraram de forma a eu conseguir dar as aulas de acordo com o que tinha planeado. A maioria dos alunos, não apresentava dificuldades, nem falta de atenção, destacavam-se pelo empenho e vontade de aprender.

O bom funcionamento das aulas, estava presente nesta turma o que me deixou com boa impressão relativamente a trabalhar com turmas do 2º ciclo mesmo sabendo que nem todos as turmas são iguais.

3º ciclo

Caraterização do contexto educativo

Localização geográfica

Esmoriz e Cortegaça são duas localidades contíguas, pertencentes ao distrito de Aveiro, confinando a Sul com o restante concelho de Ovar, a Oeste com o Oceano Atlântico, a Norte com o concelho de Espinho e a Este com o concelho de Sta. Maria da Feira. Ocupam uma área territorial aproximadamente de 20 Km² e cerca de 20.000 habitantes.

Enquadramento sócio-económico

O Agrupamento Florbela Espanca Esmoriz encontra-se na jurisdição das freguesias de Esmoriz e Cortegaça.

Estas duas localidades têm o estatuto administrativo da Cidade e Vila, respetivamente. Com uma população residente de 15.000 e 7.500 habitantes, respetivamente, estas localidades pela sua situação geográfica (zonas balneares) apresentam uma população flutuante significativa acabando por fixar cerca de 5 % dos visitantes, pelas boas condições de vida que encontram (praia, pinhal, acessibilidades).

Por serem zonas do litoral apresentam uma significativa classe piscatória, classe esta que pelo seu “modus vivendi” é considerada “sui generis”, refletindo-se esta cultura na comunidade escolar.

São localidades que registaram no último momento censitário (2001) um acréscimo de população de cerca de 12%, contrariando a tendência nacional, muita devido à elevada taxa de natalidade que apresentam. A densidade populacional destas duas localidades é de 1192h/Km² - Esmoriz e 457h/Km² - Cortegaça.

Sendo consideradas duas das freguesias com forte incidência turística, pois apresentam praias de ótimas qualidades e zonas ambientais de lazer, é importante o sector de turismo, a atividade económica que emprega um número significativo de residentes.

O sector primário (agricultura e pesca) que caracterizava o passado destas freguesias, na linha do que acontece com a generalidade das sociedades modernas, representa, presentemente, pouco no contexto da economia local encontrando-se a

agricultura reduzida a bolsas agrícolas (agricultura de subsistência familiar) e a pesca transformada em artesanal – arte chávêga.

Com o desaparecimento destas atividades aliadas à transformação da tanoaria industrial em artesanal, os jovens são encaminhados para a indústria do calçado, confeções, mobiliário, material de escritório, tapeçaria, cordoaria, espumas, construção civil, componentes elétricos e indústria automóvel, que pelo seu número e pujança económica empregavam até ao fim da década de 90 a totalidade da mão-de-obra. Atualmente com a deslocalização das grandes unidades industriais (multinacionais), principais entidades empregadoras, a que se soma a crise no sector da construção civil e confeções, aliada à baixa qualificação dos residentes, regista-se uma elevada taxa de desemprego – 8,5%. Esta situação reflete precariedades nas relações familiares com as inevitáveis consequências ao nível do desempenho escolar dos alunos das escolas que constituem o Agrupamento.

É fator não despiciendo o sector do comércio e serviços, nestas duas freguesias, uma vez que são inúmeros os pequenos comércios e escritórios nas mais diversas áreas empregando, em conjunto, cerca de 5% da população residente. Como se pode constatar as atividades económicas que caracterizavam sociologicamente estas comunidades, tanoaria, cordoaria, pesca e agricultura, estão transformadas em capacidades artesanais com papel meramente representativo. A não adaptação de muitos jovens ao mundo do trabalho local, muito por falta de qualificação e escassez de postos de trabalho, obriga-os a emigrar sendo significativo o número de alunos que são criados só pela mãe ou outros familiares. Tal situação acarreta modificações comportamentais que se refletem de uma forma significativa na sua integração social, ao nível da comunidade escolar. É, ainda, de salientar a existência de um grande número de famílias carenciadas, com tendência para aumentar o desemprego.

Caraterização da turma

A turma do 3º ciclo, era constituída por 8 alunos, da qual 4 eram rapazes e 4 eram raparigas. A média de idades era de 12 anos.

Nenhum aluno possuía necessidades educativas especiais.

Caraterização de escola

A escola e.b, 2/3 Florbela Espanca situada em Esmoriz, tem quatro pavilhões, o primeiro designado pelo pavilhão A, sendo composto por uma biblioteca,

Escola Superior de Educação | Politécnico de Coimbra
secretaria, sala dos professores, bufete da sala dos professores, reprografia, pbx. O pavilhão B é constituído pela sala de evt, o pavilhão C, é formado pela cantina, papelaria, bufete. O pavilhão D, tem o elevador, a sala de Ev, sala informática, sala de grandes grupos e o laboratório de físico-química. Existe ainda um pavilhão gimnodesportivo, campos de jogos exterior.

Pessoal docente

O pessoal docente do 2º e 3º ciclo perfaz cerca de 75, pertencendo na sua maioria ao Quadro da Escola. Dão apoio à escola 22 Assistentes Operacionais (5 com contrato a termo certo), exercendo uma as funções de Coordenadora, em regime de mobilidade interna, 1 Guarda-Nocturno, 9 Assistentes Técnicos, sendo um o Coordenador (uma das funcionária com contrato a termo certo)

Material didático

A sala de educação musical, tinha o material didático composto pelo piano, instrumental orff, bateria, retroprojektor, sistema de som, computador com acesso a internet.

Desenvolvimento da prática de ensino

Meu estágio com a turma do 3º ciclo (7ºB), era constituída por apenas 8 alunos porque a turma foi dividida, ou seja, metade da turma tinha a disciplina de tecnologias enquanto os restantes tinham educação musical.

Quando iniciei o estágio assisti as últimas três aulas do grupo do 1º semestre que no momento tinham a disciplina de educação musical, só mais tarde, conheci o novo grupo do 2º semestre e iniciei as minhas aulas com estes. Após a primeira aula onde foi feita uma apresentação, falamos sobre as regras e acerca do regulamento interno da escola. Já poucos minutos antes do final da aula, os alunos realizarão uma ficha diagnóstica. Na aula seguinte abordamos alguns conceitos musicais relacionados com instrumental orff, lâminas e percussão – reproduções rítmicas. Esta aula foi um desafio para mim, visto que tenho pouca experiência em instrumental orff, mas fiquei satisfeita por saber que antes de terminar a aula os alunos falaram da sua própria opinião sobre o tema da aula e gostaram da forma como foi abordada.

Nas aulas seguintes foi mencionado os temas de improvisação nos instrumentos de lâminas, ostinato, visualização a apresentação dos instrumentos

musicais boomwackers. Nas restantes aulas foi mencionado o início do estudo da música tradicional portuguesa “beira litoral, alta e baixa, minho, trás-os-montes e alto douro, estremadura, ribatejo, baixo e alto Alentejo, algarve.

A apresentação dos instrumentos boomwackers na opinião dos alunos foi a mais interessantes, também concordei uma vez que foi a aula mais prática e diferente do habitual. As restantes aulas já não houve tanto interesse por parte da turma, porque os conteúdos em si, eram bastante teóricos o que fazia com que não existisse tanta concentração. Para melhorar este aspeto, tentei em todas as aulas fazer uma parte relacionada na mesma com o tema mas mais prático, fazendo com que a turma participa-se de maneira mais ativa, cantado, tocando os instrumentos tradicionais, gravando, entre outros.

Definitivamente, era na parte prática eu visualizava mais interesse por parte dos alunos. Considero ser importante um professor ter em atenção este tipo de situação.

No 3º ciclo trabalhei com uma turma bastante complicada, um grupo de apenas 8 alunos em que os rapazes não tinham motivação pela disciplina e as raparigas possuíam muita timidez, criando nas primeiras aulas, um ambiente algo estranho. Optei por criar uma estratégia para mudar e transmitir vontade de participarem na disciplina, por exemplo, aulas mais praticas em que todos experimentam tocar ao mesmo tempo e enquanto isso acontece eu aproximo-me de cada aluno para o ajudar a tirar alguma dúvida, depois de estarem todos mais seguro com seu próprio instrumento já é possível iniciar uma peça musical, gravar e no final ouvir e fazer criticas. Sei que este tipo de estratégia deixou os alunos mais à vontade e motivados.

É importante mencionar que por não ter experiência neste ciclo, a insegurança e dúvidas perante certas situações acabaram por surgir. Para superar tudo isto, tive o apoio da professora cooperante que me ajudou sabe ultrapassar alguns casos. Após este apoio, quando colocava um assunto em prática, acabava sempre por imitar um pouco o que me era explicado por ela, penso que isto é algo natural de acontecer, só assim nos permite adquirir experiencia.

Conclusão

A realização deste trabalho parece-me ser satisfatório e ambicionado, o conseguir reunir o trabalho com crianças dos três diferentes ciclos, em alguns dos casos, conhecer um pouco os pais dos alunos, e lidar com diversos profissionais da área, os professores, foi uma excelente troca de ideias e de vivências.

O professor é uma figura importante tem a função de orientar o processo de aprendizagem, de cooperar com os alunos, desenvolve estruturas cognitivas, dão a apoio para a resolução de problemas e tem o papel de motivar as crianças para o gostar de aprender.

Desde que a criança entra na escola, é o professor que ele vê como o centro das atenções, por essa razão, é na educação pré-escolar que se deve dar o exemplo de inserir o aluno num ambiente escolar, com regras a cumprir, de saber dar valor ao que se aprende, elevar a auto-estima, são aspetos de destaque que fazem parte da educação e todos os docentes devem ter em conta. A disciplina da educação musical, deveria ter um papel de mais destaque tendo em conta, que ainda hoje não se lhe dá o devido valor.

A educação/aprendizagem musical é considerada conhecimento útil o qual permite desenvolver o nosso ser, construir a personalidade, tradições e por estas razões e mais, a disciplina deve ter a sua devida consideração na sociedade, pois ela faz parte de uma experiência significativa para a criança e perpetua pela sua vida.

O ambiente de ensino em que todos estamos inseridos deve ser de qualidade, deve respeitar o sujeito, suas diferenças, suas limitações, e seu processo de aprendizagem. Nem que para isso tenha de existir uma revolução no sistema de ensino, proporcionado o tipo de escola ideal. Cada vez mais o tema educação é de grande importância para o homem em sociedade. Todos nós já andamos na escola, temos ou iremos ter filhos na mesma situação, daí a preocupação de muitos pais em saber se os ficar então mesmo a ter uma aprendizagem adequada e correta. Essa aprendizagem faz parte de uma educação que os pais querem que seja de qualidade e evoluída, para isso é necessário criar estratégias de maneira a quem está na direção de uma escola saiba o que está a fazer e consiga responder a todas as dúvidas de uma população interessada na educação escolar. Apesar de que também o envolvimento de uma

comunidade, será cada vez mais marcada e ajudará ao e no futuro das nossas escolas. Ser professor de educação musical é uma profissão de muito interesse e com vantagens que outras profissões não têm.

Para um professor se sentir realizado e útil, basta preparar bem as aulas, cantar, abordar a coordenação motora, desenvolver o ritmo com as várias formas de expressão musical, trabalhar vocabulário e os instrumentos musicais. As escolas devem procurar sensibilizar aos alunos para a construção dos seus saberes e da importância não só do português e da matemática mas sim de todas as disciplinas incluindo a educação musical, mostrar isto não só aos alunos mas também aos pais. As aulas observadas durante o estágio baseiam-se nos mesmos princípios relativamente a organização, mas realmente na prática, nem todas funcionam da mesma maneira, há sempre diferenças. O facto de existir material e salas com boas condições, já mostra que em Portugal este aspecto influencia o professor e os alunos permitindo aulas e resultados diferentes das escolas que não tem estas categorias.

Devemos mudar sempre para melhor, apelando as escolas, aos pais, ministério, não custa aos professores da área da música tentar, demonstrando sempre que a música pode ser considerada um agente facilitador do processo educacional.

10.- Bibliografia

- ARAÚJO, R. C. (Janeiro - Junho de 2010). Música e Motivação: algumas perspectivas teóricas. *Revista de Educação Musical* , p. 23.
- ÁVILA, H. D. (Outubro / Dezembro de 2000). Educação Musical. *Estudo comparativo de metodologias de Educação Musical - Abordagens temáticas 6* , p. 18
- BAGO D'UVA, José Carlos. (2009) *Modalidade artística de canto coral*: documento orientador. Região Autónoma da Madeira: Secretaria Regional de Educação e Cultura
- BARLOW, C. A., & Howard, D. (2002). *Logopedics Phoniatics Vocology* . Voice source changes of child and adolescent subjects undergoing singing training
- BARREIROS, maria José. (1999) *A disciplina de canto coral no período do estado novo. Contributo para a história de ensino da educação musical em Portugal*. Lisboa: Faculdade de ciências sociais e humanas da universidade nova de Lisboa
- BEHLAU, Mara (2001) *A voz do especialista*. Volume I. Rio de Janeiro: Livraria Editora Revinter, Lda.
- BORDENAVE e PEREIRA, (1997) *Estratégias de Ensino- Aprendizagem, 12ª ed.* editora vozes,
- CAMPBELL, P., Shehan, C., & Scott-Kassner. (1995). *Music in Childhood*. New York:: Schirmer Books.
- CARNASSALE, G. (1995). *O Ensino de Canto para Crianças e Adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas Instituto de Artes.
- CARVALHO, R. (2001). *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. (3ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CHAPUIS, J. (Outubro / Dezembro de 2001). A propósito do lugar da música na vida da criança. *Educação Musical* , p. 13.

- FERREIRA, Sónia Rio (2009). *Implicações educativas das práticas informais no contexto das atividades de enriquecimento curricular*, Bragal
- FRAISSE, P. (1967) *Psychologie du rythme*, Paris, Puf
- GACKLE, L. (2000). *Understanding voice transformation in female adolescents*. In L.Thurman & G. Welch (Eds.), *Bodymind and Voice* (2 ed., Vol. 4) Minnesota, USA: The VoiceCare Network.
- GESELL, Arnold (1940). *Wolf child and human child: Being a narrative interpretation of the life history of Kamala, the wolf girl*. New York. Harper & Brothers Publishers.
- GIGA, I. (2004). *A Educação vocal da criança*. Revista Música, Psicologia e Educação, Porto.
- GORDON, Edwin E.(2000) *Teoria de aprendizagem musical: competências, conteúdos e padrões*. Tradução de Maria de Fátima Albuquerque. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOUVEIA, A. (2006) *Educação pela Música... e para a Música!*, Projeto Educativo. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa.
- HARGREAVES, A. (2003). *O Ensino na Sociedade do Conhecimento*. Porto. Porto Editora.
- LIMA, L. (2006). *Compreender a Escola. Perspectivas de Análise Organizacional*. Porto: Edições Asa.
- MILLER, R. (1986) *The Structure of Singing*, Schirmer Books
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DEB (Ed.). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Autor, 2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DGIDC (Ed.). *Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico – Orientações Programáticas*. Lisboa: Autor, 2006.
- MOORE, R. (1994). *Effects of age, sex, and melodic/harmonic patterns on vocal pitchmatching skills of talented 8-11 year-olds*. Journal of Research in Music Education.
- NERY, Rui Vieira, e CASTRO, Paulo Ferreira de (1991) *História da música, Sínteses da Cultura Portuguesa*. Lisboa. Europália, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PEREIRA, A. L. (2009) —*A voz cantada infantil: Pedagogia e didáctica* in Revista de Educação Musical. Nº 132.

- PIAGET, Jean (1975) *A construção do real na criança*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar,
- PHILLIPS, (1999). *Second-year results of a longitudinal study of the relationship of singing instruction, pitch accuracy, and gender to aural acuity, vocal achievement, musical knowledge, and attitude towards singing among general music students*. Contributions to Music Education
- PORTUGAL. Decreto-Lei nº 344/90, de 2 de Novembro – Estabelece as bases da educação artística no âmbito pré-escolar, escolar e extra-escolar.
- SAVIANI, Dermeval (2005) *Escola e Democracia*. 37ª ed. Campinas: Autores Associados.
- SILVA, L. (2006). *Música na Infância*. Revista mensal de publicação em Internet Nº78.
- SHEHAN, Patricia K (1997) *Movement in the Music Education of Children, In Music and Child Development*. Frank R. Wilson e Franz L. Roehmann (eds) *The Biology of Music Making/MMB Music Inc.*, Saint Louis.
- SLOBODA, J. A., & HOWE, M. J. A. (1999). *Musical talent and individual differences in musical achievement*: Stadler
- SNYDERS, Georges (1994) *A escola pode ensinar as alegrias da música - 2. ed*. São Paulo.
- SWANWICK, Keith (2003) *Ensinando Musica Musicalmente*, Moderna, Edição 1, São Paulo.
- TEODORO E SANCHES, I. S. (2007). Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. *Revista Portuguesa de Educação* , pp. 106-107; 110;112.
- VIEIRA, Maria Helena (2009) *O desenvolvimento da vocação musical em Portugal: o currículo como fator de instabilidade e desmotivação*. In: congresso internacional galego-português de psicopedagogia, Braga: Universidade do Minho.
- WELCH, G. (2010). Evidence of the development of vocal pitch matching ability in children. *Japanese Journal of Music Education*.
- WILLIAMS, J. (2008). *From boys to men: the changing adolescent voice*. Church Music Quarterly
- ZENATTI A. (1969) *Le Développement génétique de la perception musicale*, Paris, Cnrs 2ª ed.

Citografia

<http://www.educare.pt/educare/Atualidade.Noticia.aspx?contentid=5AC8D7A40D3102DBE0400A0AB8002FDD&opsl=1&channelid=0>

<http://www.infoescola.com/pedagogia/ensino-da-musica/>

<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/ednilsom-comunicacao/o-que-eh-educacao.html>

<http://emrcvida.blogs.sapo.pt/7283.html>

http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Equipe%20Pedagogica/producao_cidinha.pdf

<http://sites.unifra.br/Portals/36/CHUMANAS/2007/influencias.pdf>

http://www.faibi.com.br/downloads/ped/sintese_ideias.pdf

<http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.htm>

<http://books.google.pt/books?id=qMIZqIxd62cC&pg=PA15&lpg=PA15&dq=Florran+nce+Bauer,+%E2%80%9Ca+m%C3%BAAsica+atrai+a+crian%C3%A7a,+serve+de+motiva%C3%A7%C3%A3o,+deixaa+mais+atenta+e+%C3%A9+um+instrumento+de+cidadania,+contribuindo+para+a+eleva%C3%A7%C3%A3o+de+sua+autoestima.%E2%80%9D&source=bl&ots=f5byVNKiIR&sig=5BfZ1QUkBOOvSkQ97jEHsIWIXHY&hl=ptPT&sa=X&ei=uwfvUa3tM6ny7AbQkIHYDA&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=Florrance%20Bauer%2C%20E2%80%9Ca%20m%C3%BAAsica%20atrai%20a%20crian%C3%A7a%2C%20serve%20de%20motiva%C3%A7%C3%A3o%2C%20deixaa%20mais%20atenta%20e%20%C3%A9%20um%20instrumento%20de%20cidadania%2C%20contribuindo%20para%20a%20eleva%C3%A7%C3%A3o%20de%20sua%20autoestima.%E2%80%9D&f=false>

Anexos

I- Caracterização das turmas e lista de turmas

2. Caracterização da Turma

Anexo I - Grelha de “Caracterização da Turma “

2.1. Alunos por sexo/idade

Nº total de alunos	20
Nº alunos por sexo	Feminino - 8 Masculino - 12
Média de idades	11

2.2 Alunos com Retenções Anteriores:

1º Ciclo	1º Ano	
	2º Ano	Nº5 Catarina Teixeira
	3º Ano	
	4º Ano	Nº8 Daniel Silva
2º Ciclo	5º Ano	
	6º Ano	Nº17 Micael Oliveira Nº5 Catarina Teixeira

2.3. Alunos Fora da Escolaridade:

Não existem na turma alunos fora da escolaridade.

2.4. Alunos com Necessidades Educativas Especiais:

Nº 9 Daniela Caires dos Santos Nascimento

2.5. Estratégias de Actuação:

Tipo de Estratégia	Nº(s) do(s) Aluno(s)
Solicitar a participação oral com mais frequência.	2, 3, 8, 10, 11, 15
Dar um apoio mais individualizado.	1, 3, 5, 11, 14, 15, 18,
Apoiar individualmente em Estudo Acompanhado.	1, 3, 5, 8, 11, 12, 14, 15, 18,
Proporcionar regularmente momentos de avaliação do trabalho desenvolvido.	1, 3, 5, 8, 11, 14, 15, 18,
Solicitar o envolvimento dos E.E. na vida escolar.	1, 8, 11, 14, 15, 18

2.6. Alunos com Plano de Acompanhamento:

Nº	Nome	Áreas Previstas	Estratégias de Actuação
5	Catarina Teixeira	Inglês; HGP; Matemática; CN	Aulas de Apoio Pedagógico a Português e Matemática; Pedagogia diferenciada na sala de aula (ver Plano de Acompanhamento)
17	Micael Oliveira	Todas as disciplinas e áreas não curriculares	O aluno deverá ser assíduo de forma a que os professores possam implementar as estratégias necessárias.

2.7. Alunos que Beneficiam de Auxílio Económico:

Nome	Escalão A	Escalão B
Abigail Tavares		X
Ana Catarina Oliveira		X
Bárbara Silva		X
Daniel Silva	X	
Jorge Moreira		X
Mário Vitó		X

Nicole Queirós	X	
Rui Maigua	X	

2.8. Alunos com Dificuldades/Problemas de Saúde:

Dificuldades / Doenças	Nº de Alunos
Visuais	1
Auditivas	1
Respiratórias	1
Fala	1
Linguagem	
Alergia	1
Outras: trissomia 21	1

2.10 Ocupação dos Tempos Livres (ordem de preferência):

Ouvir música	4º	Ler	5º
Praticar desporto	3º	Computador	2º
Ver televisão	1º	Outras:	

Áreas Curriculares:

Áreas Curriculares	Preferidas (nº de alunos)
Português	8
Inglês	2
História	4
Ciências da Natureza	1
Matemática	8
E.V.T.	7
Ed. Musical	3

Ed. Física	13
E.M.R.C.	1

2.11. O Estudo

2.11.1. Local

Local	Nº de Alunos
Casa	19
Centro de Estudos	1
Escola	0

2.11.2. Regularidade

Regularidade	Nº de Alunos
Diariamente	4
Raramente	2
Em vésperas de testes	13

2.11.3. Ajuda

Ajuda	Nº de Alunos
Pais	12
Explicador	2
Ninguém	5

2.12. Frequência de Actividades Extracurriculares

Actividades	Nº de Alunos
Inglês	0

Música		0
Desporto	Natação	1
	Voley	3
	Futebol	3
	Dança	0
	Taekwondo	0
	Futsal	1

2.13. Expectativas/Profissão no Futuro

Profissões	Nº de alunos
Futebolista	1
Veterenário	4
Pescador	1
Piloto	2
Polícia	1
Psicóloga	1
Engenheiro Agrícola	1
Cientista	1
Advogado	1
Modelo	1
Empresário	1
Não Sabe	5
Actriz	1

2.14. Frequência de E.M.R.C.

Os alunos nº1, nº4, nº7, nº8 e nº11, nº13, nº14, nº15, nº20 não estão inscritos em E.M.R.C.

2.15. Frequência do Regime Articulado de Música

Não há alunos com frequência no Regime Articulado com Música.

2.16. Situação Sócio – familiar

2.16.1. Idade dos Pais

Idades	Pai	Mãe
30-40	5	6
40-50	11	12
+ de 50	3	1

2.16.2. Habilitações Literárias dos Pais

Nível	Pai	Mãe
4º ano	5	4
5º ano		2
6º ano	1	3
7º ano	2	1
8º ano	1	
9º ano	4	
10º ano	1	
11º ano		2
12º ano	3	3
Curso superior		3

2.16.3. Situação Profissional

	Empregado(a)	Desempregado(a)	Doméstico(a)	Reformado(a)
Pai	19			

Mestrado em Ensino de Educação Musical do Ensino Básico no 1º, 2º e 3º ciclo

Mãe	12	1	6	
-----	----	---	---	--

2.16.4. Profissão dos Pais

Profissão	Nº de pais
Vendedor	6
Operador fabril	4
Trolha	2
Administrativo	2
Pescador	1
Técnico de Máquinas	2
Bancário	1
Empresário	1
Mecânico	1
Professora	2
Operadora de caixa	1
Serralheiro	3
Camionista	1
Operadora de laboratório	1

2.16.5. Número de irmãos

0	1	2	3	4	5	>5
2	10	6	1	—	—	—

Ano Letivo
2011 / 2012

Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de
Florbel Esp



Direção Regional de Educação Centro
161044 - Agrupamento de Escolas Florbela Espanca
341514 - Escola EB 2/3 Florbela Espanca

Relação de Alunos

Ano : 6

Turma : A

Ensino Básico - 2º
Ciclo

Nº Processo	Nº Turma	Nome	Data Nascimento	EMR	Rep.	LE1	LE2	NEE	ASE	Anotações
1735	1	Abigail Fernades Pinho Tavares	17-05-2000			Inglês			B	
1929	2	Ana Catarina Ferreira Oliveira	20-09-2000	S		Inglês			B	
419	3	André Manuel Ventura Morgado	25-08-2000	S		Inglês				
1455	4	Bárbara Raquel Marques da Silva	25-09-2000			Inglês			B	
3029	5	Catarina Raquel do Couto Teixeira	19-09-1998	S	S	Inglês				
538	6	Cristiana Rente Silva	10-03-2000	S		Inglês				
541	7	Daniel Filipe Brás Cruz	07-08-2000			Inglês				
1772	8	Daniel José Santos Silva	19-09-1999			Inglês			A	
1442	9	Daniela Caires dos Santos Nascimento	07-07-1998	S		Inglês		Sim		
661	10	David Paulo França Silva	03-07-2000	S		Inglês				
1457	11	Hugo Miguel Gomes Estanqueiro	29-12-2000			Inglês				
672	12	Jorge Gabriel Baptista Moreira	29-05-2000	S		Inglês			B	
1736	13	José Diogo Agostinho Silva	20-12-2000			Inglês				
1765	14	Mário Filipe Cunha Resende	15-01-1999			Inglês				
1393	15	Mário Vitó Silva	10-05-2000			Inglês			B	
673	16	Marisa Pinto Monteiro	06-08-2000	S		Inglês				
1138	17	Micael João Ferreira Oliveira	23-10-1996	S	S	Inglês				
674	18	Nicole Matos Queiros	18-09-2000	S		Inglês			A	
180	19	Ruben Correia Mendes	27-02-2000	S		Inglês				
1454	20	Rui Nelson de La Torre Maigua	22-08-2000			Inglês			A	

Ano Letivo 2011 / 2012	 Ministério da Educação Direção Regional de Educação Centro 161044 - Agrupamento de Escolas Florbela Espanca 341514 - Escola EB 2/3 Florbela Espanca	Ano : 7 Turma : B Ensino Básico - 3º Ciclo
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Florbela Esp	Relação de Alunos	

Nº Processo	Nº Turma	Nome	Data Nascimento	EMR	Rep.	LE1	LE2	NEE	ASE	Anotações
1562	1	André Filipe Pais Bitá	11-11-1998	S		Inglês	Francês			
1763	2	Bruna Alexandra Brochado Vendas	31-12-1998	S		Inglês	Espanhol			
1588	3	Daniela Patrícia da Silva Monteiro	24-02-1998	S		Inglês	Espanhol			
1750	4	Diana Cardoso Soares	20-04-1998	S		Inglês	Espanhol	Sim	B	
1803	5	Filipe Manuel Pereira Godinho	15-01-1999	S		Inglês	Espanhol			
5258	6	Francisco Joel Alves Silva	31-10-1998	S	S	Inglês	Francês			
1756	7	Hugo Miguel Ferreira Rocha	05-05-1999			Inglês	Francês			
1425	8	Hugo Rafael Freitas Soares	17-11-1999	S		Inglês	Francês			
1618	9	João Pedro da Silva Lemos	04-12-1998	S		Inglês	Espanhol			
1422	10	Juliana Catarina Silva Ferreira	18-09-1999	S		Inglês	Francês	Sim		
1757	11	Luciana Ribeiro Oliveira	14-06-1999	S		Inglês	Francês		B	
1761	12	Maria Olívia Bitá Ribeiro	27-10-1999	S		Inglês	Francês			
1675	13	Neuza Cristina Almeida Araújo	11-06-1998	S		Inglês	Espanhol	Sim		
1421	14	Paulo Ricardo Gomes Marques	22-06-1999	S		Inglês	Francês		A	
1608	15	Daniel Oliveira Gomes	08-03-1998	S		Inglês	Francês			
977	16	Pedro Filipe Gomes Castro	26-03-1996	S		Inglês			A	

II – Planos de aula

III – Planificação a médio e longo prazo

E. B. 2/3 FLORBELA ESPANCA

EDUCAÇÃO MUSICAL - PLANIFICAÇÕES

GRUPO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

ANO LECTIVO
2011/2012

PLANIFICAÇÕES ANUAIS, A MÉDIO PRAZO E AULA A AULA – DISCIPLINA DE ED. MUSICAL, 2.º E 3.º CICLO

CONTEÚDOS ORGANIZADOS POR NÍVEIS – 6.º ANO

Níveis	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA
Conceitos					
NÍVEL VII	Alteração timbrica Realce timbrico	<i>Legatto</i> <i>Staccato</i>	Simultaneidade de duas ou mais melodias	Quatro sons iguais numa pulsação Monorritmia Polirritmia	Introdução Coda Interlúdio
NÍVEL VIII	Expressividade através da selecção de timbres		Intervalos melódicos e harmónicos	Um som e silêncio iguais numa pulsação Síncopa	Forma Binária e Ternária (AB), (ABA)
NÍVEL IX	Pontilhismo timbrico	<i>Tenuto</i> <i>Sforzando</i> Acentuação	Escalas Maiores e menores Intervalos de 3.ª Maior e menor Acordes Maiores e menores Tonalidade	Ritmos pontuados Alternância de compassos simples	Rondó
NÍVEL X	Harmonia timbrica (fusão)		Melodia com acompanhamento de acordes	Três sons iguais numa pulsação Compassos compostos	
NÍVEL XI	Timbres resultantes de novas técnicas vocais e instrumentais e de instrumentos preparados	Organização dos elementos dinâmicos	Atonalidade Série de sons	Ritmos assimétricos	Organização de séries

PLANIFICAÇÃO ANUAL – 6.º ANO

Livro adoptado – 100% Música
 Texto Editora

Níveis / Conceitos	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA
NÍVEL 1	Timbres corporais	Intensidades	Notas na flauta e na pauta (escala de dó)	Andamentos Figuras rítmicas	Binária Ternária Rondó
NÍVEL 2	Harmonia e realce timbrico	<i>Legato</i> <i>Staccato</i>	Intervalos melódicos e harmónicos	Semicolcheia Monorritmia Polirritmia	
NÍVEL 3	Pontilhismo timbrico Vocal		Notas: ré agudo e si bemol	Síncopa Ritmo pontuado	Cânone
NÍVEL 4	Alteração timbrica	<i>Sforzato</i> <i>Tenuto</i>		Tercina	
NÍVEL 5	Expressividade timbrica	Densidade sonora	Monofonia Polifonia Fá suspenso		
NÍVEL 6	Instrumentos tradicionais portugueses				
NÍVEL 7	<i>Medley</i>				

PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO – NÍVEL 1/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
TIMBRE	Timbres corporais	Distinguir timbres Identificar sons de instrumentos musicais, vozes e timbres corporais Fazer corresponder som e imagem Executar peças musicais com voz, timbres corporais e flauta Adquirir hábitos de leitura musical e execução em grupo Desenvolver a audição atenta e concentrada Desenvolver o sentido de responsabilidade em relação às aprendizagens
RITMO	Andamentos Figuras	Reproduzir ritmos Executar esquemas rítmicos com timbres corporais Desenvolver a coordenação psicomotora Identificar auditiva e visualmente as figuras rítmicas Identificar vários tipos de andamentos Conhecer diferentes culturas musicais
ALTURA	Notas na flauta e na pauta (escala de dó)	Executar a escala de Dó maior na flauta e com a voz Executar peças musicais na flauta Adquirir hábitos de leitura e execução em grupo
DINÂMICA	Intensidades	Identificar, visual e auditivamente, os andamentos Piano, Meio-forte, Forte, Crescendo e Diminuendo Desenvolver a audição atenta e concentrada
FORMA	Binária Ternária Rondó	Identificar, visual e auditivamente, a forma binária, ternária e rondó Desenvolver a audição atenta e concentrada Conhecer diferentes culturas musicais e os contextos onde se inserem

NÍVEL 2/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
TIMBRE	Harmonia timbrica Realce timbrico	Identificar auditivamente e executar harmonia e realce rítmico Executar uma música com voz e flauta Desenvolver a audição atenta e concentrada Adquirir hábitos de leitura e de execução musical em grupo
RITMO	Semicolcheia Monorritmia Polirritmia	Identificar a semicolcheia Executar a semicolcheia, com as duas mãos Executar um esquema rítmico com semicolcheias Identificar auditivamente Monorritmia e Polirritmia Desenvolver a coordenação psicomotora Conhecer a música tradicional portuguesa Adquirir hábitos de execução musical em grupo
ALTURA	Intervalos melódicos e harmónicos	Identificar, auditiva e visualmente, intervalos melódicos e harmónicos Conhecer a música tradicional portuguesa Adquirir hábitos de execução musical em grupo
DINÂMICA	<i>Legato</i> <i>Staccato</i>	Identificar, auditiva e visualmente, o <i>legato</i> e o <i>staccato</i> Adquirir hábitos de execução em grupo de instrumental Orff



NÍVEL 3/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
TIMBRE	Pontilhismo timbrico Vocal	Conhecer algumas características da composição denominada “Pontilhismo timbrico” Identificar, auditiva e visualmente, o “Pontilhismo timbrico” Adquirir hábitos de leitura e de execução musical em grupo Conhecer diferentes culturas musicais e os contextos onde se inserem
RITMO	Síncopa Ritmo pontuado	Identificar, auditiva e visualmente, a síncopa e ritmos pontuados Executar um esquema rítmico com síncopa e ritmos pontuados Conhecer diferentes culturas musicais e os contextos onde se inserem Desenvolver a audição atenta e concentrada
ALTURA	Ré agudo Si bemol	Conhecer a escala diatónica maior Identificar auditivamente e na pauta a escala diatónica de Dó Maior Identificar na pauta e executar na flauta as notas ré (agudo) e si bemol Desenvolver a coordenação psicomotora Adquirir hábitos de leitura musical e de execução musical em grupo Desenvolver a audição atenta e concentrada
FORMA	Cânone	Compreender e identificar auditivamente o cânone Executar forma cânone em flauta Executar uma peça musical em voz e na flauta Adquirir hábitos de interpretação vocal em grupo Conhecer diferentes culturas musicais

NÍVEL 4/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
TIMBRE	Alteração timbrica	Identificar a alteração timbrica Alterar o timbre de instrumentos musicais
RITMO	Tercina	Identificar tercinas na pauta Executar tercinas na flauta Adquirir hábitos de leitura e de execução musical em grupo
DINÂMICA	<i>Sforzato</i> <i>Tenuto</i>	Identificar na pauta <i>Sforzato e Tenuto</i> Criar a dinâmica de uma peça musical Adquirir hábitos de execução em grupo de instrumental Orff

15

NÍVEL 5/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
TIMBRE	Expressividade timbrica	Identificar auditivamente os instrumentos de orquestra Perceber a importância da selecção timbrica na expressividade de uma obra musical Adquirir hábitos de interpretação vocal em grupo
ALTURA	Monofonia Polifonia Fá suspenido	Identificar auditivamente Monofonia e Polifonia Identificar a nota fá # (sustenido) na pauta e na flauta Adquirir hábitos de leitura e de execução musical em grupo

DINÂMICA	Densidade sonora	Identificar, auditivamente e na pauta, o aumento e diminuição da densidade sonora Executar dinâmicas com diferentes densidades sonoras das peças musicais em instrumentos de altura definida
-----------------	------------------	---

FORMA	Forma	Executar peças musicais em voz e flauta utilizando a forma Adquirir hábitos de leitura
--------------	-------	---

NÍVEL 6/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
CONTEÚDOS	Música tradicional portuguesa	Ouvir e conhecer música tradicional portuguesa

NÍVEL 7/6.º ANO

QUALIDADES DO SOM		COMPETÊNCIAS
MEDLEY	Voz Flauta Instrumental	Apresentar publicamente peças musicais, utilizando flauta e instrumentos Orff e técnicas interpretativas mais elaboradas